

ANO 1 - NÚMERO 2 - DEZEMBRO 2014

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 7,90

CHICO MENDES
SEMPRE
PRESENTE
*15.12.1944 +22.12.1980

BRASÍLIA
O LUGAR ONDE AS
ÁGUAS SE EMENDAM

PG. 40

CHICO MENDES
PARA SEMPRE
PRESENTE

PG. 12

PLANALTO CENTRAL
O LEGADO DE CRULS

PG. 42



Sonho de Natal

13 de dezembro a 06 de janeiro
Praça Rui Barbosa



PREFEITURA DE
Formosa
Construindo uma vida melhor



PREFEITURA DE
Formosa
Construindo uma vida melhor


A Prefeitura Municipal de Formosa tem a imensa alegria de convidar a todas as famílias formosenses para participarem das festividades natalinas, na Praça Rui Barbosa, do dia 13 de dezembro ao dia 06 de janeiro, das 19:30 às 22:30 horas.

Teremos belíssimas apresentações culturais, barracquinhas com comidas típicas, trezinho da alegria, brinquedos infláveis e muita diversão para todos.

Desejamos que a magia do Natal traga a todos muita paz, amor, saúde e prosperidade!


Feliz Natal e um 2015 de grandes realizações!





Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!



www.xapuri.info



PARA SONHAR UM ANO NOVO

Ano Novo quase chegando, e a gente aqui fechando a nossa revista de dezembro com a mesma paixão da edição passada, só que desta vez com alegria das muitas mensagens recebidas, dando força e dizendo da beleza e da qualidade da Xapuri Socioambiental. "É de comer com os olhos", diz nossa leitora Sandra Cabral, de Brasília.

Dezembro é sempre mês de muita coisa acontecendo na agenda socioambiental: Dia Internacional da Aids (1º); Dia Universal dos Direitos Humanos (10); Dia da Consciência Ecológica e de Chico Mendes (22); Dia Mundial da Biodiversidade (29); Dia da Esperança (31).

Nesta edição, juntamos matérias sobre esses temas todos, e mais um pouco sobre Cultura Ecológica, Literatura/Sebos, Sustentabilidade. Vocês nos dirão, daqui pra Janeiro, se estamos no rumo certo.

Agora é colocar a revista na praça e sonhar o novo ano com muita esperança, muita alegria e muito compromisso com as nossas edições vindouras. Afinal, tem razão o poeta Drummond:

"Para sonhar um ano novo que mereça este nome, você (...) tem de merecê-lo, tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil, mas tente, experimente, consciente. É dentro de você que o ano novo cochila e espera desde sempre".

Boas Festas!

Jaime Sautchuk, Zezé Weiss

mensagens pra Xapuri

Que revista linda! É de comer com os olhos!

Sandra Rodrigues Cabral - Conselho Nacional do Sesi - Brasília - Distrito Federal

Achei a revista linda. Parabéns!

Geraldo Abreu - Belo Horizonte - Minas Gerais

Só elogios para a revista. Gostaria de escrever sobre a necessidade de ocupação dos espaços públicos em territórios da chamada periferia das cidades

Everardo de Aguiar - Brasília - Distrito Federal

Não me canso de falar. A revista ficou linda. Parabéns!

Vilmar Simion - ONG Programando o Futuro - Valparaíso de Goiás - Goiás

Parabéns pela revista. Vocês estão começando muito bem, primando pela ecologia associada aos valores culturais de nossa terra.

Aderbal Sousa, advogado e escritor - Formosa - Goiás

A revista está lindíssima!

Parabéns!

Vânia Viana - CUT - São Paulo

Parabenizo a equipe da Xapuri pela revista, agradecendo pelo belo destaque ao Encontro do Bonito-GO de Culturas Populares. Abraços. Dod.

George Diab - Associação do Bonito - Formosa - Goiás

Que trabalho incrível!

Maria Regina Barros - Brasília - Distrito Federal

Revista muito interessante. Vou acompanhar com atenção.

Deborah Kietzmann Goldemberg - São Paulo

Boa essa Xapuri!

Didi Viana - Vice-Prefeito - Luziânia - Goiás

Muito bom acontecer a Xapuri Socioambiental. Parabéns!

Joci Aguiar - Rio Branco - Acre

Parabéns pela Revista! Abraço.

Jorge Artur Oliveira - Ecooideia - Brasília - Distrito Federal

Encantei-me!!! Textos bem escritos, emocionantes...fui às lágrimas com o texto sobre Dona Sinhá.

Parabéns pelo trabalho!
Ana Claudia Machado de Souza - Macapá - Amapá

Essa revista é um sonho. Uma das melhores que já li nos últimos tempos. Matérias de ótima qualidade. Padrão excelência de jornalismo. Quero acompanhar todas!

Aldimar Nunes Vieira - Entorno Urgente - RIDE/DF-GO

Muito bonita, muito interessante e muito necessária essa revista. Falta só incluir alguns artigos de opinião sobre os temas atuais do Brasil.

Heli Dourado - advogado - Goiânia - Goiás

“ Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive as terças-feiras mais cinzentas, têm direito a converter-se em manhãs de domingo. ”

Thiago de Mello
Os Estatutos do Homem – Artigo 2º

COLABORADORES/COLABORADORAS DEZEMBRO

Ailton Krenak – Pintor, Escritor, Liderança Indígena; **Amanda Lima** – Publicitária; **Anderson Blaine Melo Ferreira** – Web Designer; **Binho Marques** – Educador, Historiador; **Cláudio Barbosa** – Jornalista; **Eduardo Weiss** – Cientista Social, Produtor Cultural; **Evando Lopes** – Fotógrafo; **Fernanda Farias** – Fotógrafa; **Guilherme Cobelo** – Historiador, Músico, Compositor, Escritor; **Guilherme Richelieu** – Repórter; **Jaime Sautchuk** – Jornalista, Escritor, Autor do livro Cruls: histórias e andanças do cientista que inspirou JK a fazer Brasília. Editora Geração, 2014; **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental, Turismóloga; **Leonardo Boff** – Teólogo, Filósofo. Autor, dentre muitos outros, do livro Sustentabilidade: o que é e o que não é. Editora Vozes. 2012.; **Lúcia Resende** – Redatora, Revisora, Relações Públicas da Associação das Pessoas com Deficiência de Formosa (ADFFOR), Goiás; **Maria Helena Schuster** – Psicóloga, **Priscilla Miranda** – Gerente Financeira; **Priscila Silva** – Psicopedagoga, Gerente de Projetos; **Roseli Tardelli** – Jornalista, Diretora Executiva da Agência de Notícias da AIDS; **Zezé Weiss** – Jornalista, Cientista Social, Autora do livro Vozes da Floresta, 1ª ed. Xapuri 2010, 2ª ed. Gráfica do Senado 2013.

CONSELHO EDITORIAL

1. Jaime Sautchuk
2. Zezé Weiss
3. Binho Marques
4. Cássia Oliveira
5. Graça Fleury
6. Juan Pratzinestos
7. Marcelo Manzatti
8. Neusimar Coelho
9. Priscila Silva
10. Socorro Alves
11. Ronei Alves
12. Rui Faquini



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental

Telefone: (61) 3044 7755. E-Mail: revista@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Atendimento: Janaina Faustino (61) 9611 6826. Edição: Jaime Sautchuk (61) 9918 0933 – Zezé Weiss (61) 9974 3761. Revisão: Lúcia Resende, Maria Helena Schuster. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires – 386/GO Capa: Foto greenpeace.org Tiragem: 3.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa – Brasília, Goiás, Planalto Central. Revista Web – Todo o território nacional.



Xapuri 02

SOCIOAMBIENTAL **DEZ 14**

12 **MEMÓRIA**
Chico Mendes
Para Sempre Presente

32 **MEIO AMBIENTE**
Gestão Integrada de
Resíduos Sólidos

19 **ECONOMIA CRIATIVA**
Dom Caixote,
profissão livreiro

40 **BRASÍLIA**
O lugar onde as águas
se emendam

24 **AMAZÔNIA**
ATTO
A torre gigante da Amazônia

42 **PLANALTO CENTRAL**
O legado de Cruls

30 **GASTRONOMIA CERRATENSE**
Empadão Goiano

46 **ECOTURISMO**
São Jorge

08 **PANTANAL**
Imagens Pantaneiras

35 **MEIO AMBIENTE**
Metarreciclagem

16 **DIREITOS HUMANOS**
Para que nunca se esqueça
Para que nunca mais aconteça

38 **SAÚDE**
AIDS no Brasil

22 **ECOLOGIA**
O que é Sustentabilidade?

48 **CERRADO**
Vidas e Povos do Cerrado

26 **CALENDÁRIO**
Calendário Ecológico 2015

50 **CULTURA ECOLÓGICA**
Ailton Krenak

28 **MOBILIDADE URBANA**
Inclusão e acessibilidade



IMAGENS PANTANEIRAS

Fantásticas as imagens do Pantanal, a maior área alagadiça de água doce do mundo. Os 176,2 km² da planície pantaneira são inundados pelos afluentes do Rio Paraguai e servem de habitat para 650 espécies de aves (colhereiros, garças, tuiuiús, etc.), 80 espécies de mamíferos (ariranhas, macacos, onças, etc.), 260 tipos de peixes (dourado, piaçu, piraputanga, etc.) e 50 espécies de répteis (jacaré, tartaruga, sucuri, etc.). As terras pantaneiras fazem parte do Pantanal, bioma com 250 km², situado no sul de Mato Grosso, nordeste do Mato Grosso do Sul, norte do Paraguai e leste da Bolívia. Constituído principalmente por vegetação de Cerrado (savanas), esse Patrimônio Natural e Reserva da Biosfera (títulos concedidos pela UNESCO) vem sofrendo, nas últimas décadas, imensa pressão da exploração agropecuária.



fotos: turismo.ms.gov.br

o apanhador de desperdícios

*Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos misseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.*

Manoel de Barros – Poeta pantaneiro nascido em 1916. Teve o bioma Pantanal por grande tema. Definiu sua arte como vanguarda primitiva. Encantou-se em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, em 13 de novembro de 2014, aos 97 anos de idade.

CONDOMÍNIO



... ——— ○ ——— ...
A·S·A·S·D·O·U·R·A·D·A·S

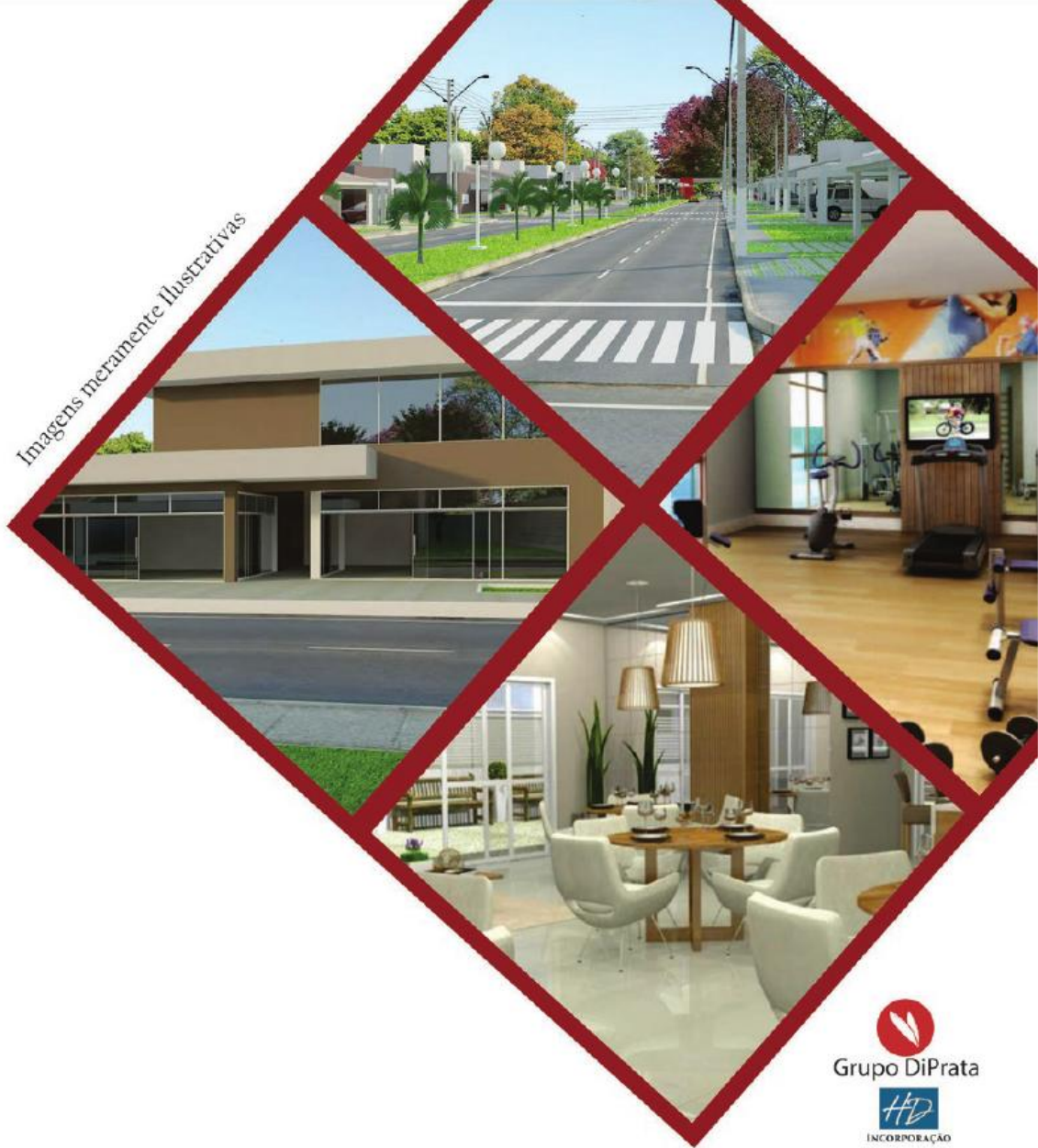
Conforto e Qualidade de Vida

Paraíso do Bem-Viver no Coração de Formosa
a menos de 80 km de Brasília

- SEGURANÇA NA PORTARIA
- MONITORAMENTO 24H
- REDE ELÉTRICA
- REDE DE ESGOTO
- ESPAÇO FITNESS
- PISTA PARA CAMINHADA
- ACESSIBILIDADE
- ASFALTO



Imagens meramente ilustrativas



Condomínio Asas Douradas

Rua Heitor Vila Lobos – Setor Jardim Califórnia – Formosa – Goiás
(ao lado da Loja Maçônica)

Preços somente com os corretores, por telefone, ou na Imobiliária DiPrata

(61) 3631.8029 / 8625.7084





fotos: acervo Comitê Chico Mendes

CHICO MENDES PARA SEMPRE PRESENTE

— Binho Marques

Todo mês de dezembro eu faço uma parada para um reencontro com meu amigo Chico Mendes. Nesta época do ano, mentalmente eu tomo o rumo de Xapuri e viajo no tempo. Passados esses 26 anos, continuo sentindo muita saudade dele, uma saudade imensa e doída da pessoa, do amigo, do ser humano.

Conhecer o Chico Mendes foi um dos melhores presentes que ganhei na minha vida. Fomos apresentados logo depois do assassinato do seringueiro e líder sindicalista Wilson Pinheiro, em Brasileia, em 1980. O Chico estava começando a se tornar a principal liderança do

movimento de seringueiros, a partir de Xapuri.

Eu era estudante de História e com duas colegas fui entrevistá-lo para uma pesquisa que andava fazendo sobre a ocupação de terras no Acre. Desde aquele momento, nos tornamos companheiros e amigos para sempre. Sim, porque para mim o Chico foi uma liderança, um mentor, mas sobretudo um grande e fascinante amigo.

Lembro-me do nosso primeiro contato, maravilhoso e estranho. Em vez de tentar nos influenciar com as coisas da política ou da luta dos seringueiros, o Chico falou de caçadas, contou

causos, naquele processo de encantamento que ele sempre era capaz de criar e com o qual surpreendeu a mim e a todas as pessoas que tiveram o privilégio de conhecê-lo durante toda a sua vida.

Um dos causos que ele contou naquele dia foi o de uma caçada. Ele na espera. Apareceu um veado e quando o Chico mirou para acertá-lo, o veado foi crescendo, crescendo, e ficou do tamanho da árvore onde ele estava, olhando direto nos olhos dele, até ele dar o fora dali, correndo. Eu nunca tinha visto um adulto sério, liderança sindical, contando uma história daquela com total convicção de que era verdade.

Nossa convivência ficou mais forte a partir de 1983, quando entrei para o Partido Revolucionário Comunista (PRC), onde o Chico já militava. Depois da minha formatura, em 1984, fui designado pelo PRC para organizar os camaradas em Xapuri. No começo foi difícil. Eu era novo, careta, quadrado, militante dogmático. Achava que sabia muito, que podia ensinar alguém. Mas felizmente foi com o Chico, em Xapuri, que comecei a aprender muitas coisas sobre a floresta e sobre a vida.

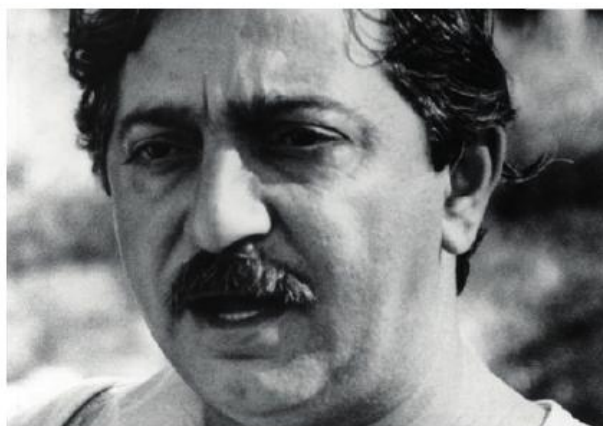
Em 1985, o PT lançou o Chico candidato a deputado, e eu fiquei com ele direto, ajudando na campanha. Foi quando pude conhecê-lo melhor e pude entender a maneira dele se relacionar, de mobilizar as pessoas, e de ser realmente uma liderança completamente diferente das lideranças tradicionais. Uma liderança que não tinha um discurso empolgante, uma oratória forte e que, na nossa linguagem, não fazia nem fita nem firula. O Chico era complexo, mas não era complicado. Ele conseguia fazer o mais difícil: ser simples.

Naquele tempo trabalhamos muito, rimos muito e conversamos muito. Todos os dias. Ficávamos pra cima e pra baixo num jipe velho, com os pneus carecas e a bateria amarrada com uma corda. Nós gostávamos muito daquele carro velho. Lembro-me bem daquele jipe. Ele era realmente um charme. Tinha um tom verde, tão verde, que nós o chamávamos de Hulk.

Era muito legal ver o Chico dormindo no Hulk

enquanto o Valdecir Nicácio pilotava na buraqueira. Morro de saudade daquela cena. No final da campanha, para honrar dívidas do PT, o Hulk foi entregue para o dono de uma gráfica. Ele nunca soube o valor que aquele carro tinha. Acho que um pedaço da minha alma foi junto. Já o Chico, eu não sei se sofreu o mesmo tanto.

O Chico era simples e humilde, completamente desapegado de bens, de riqueza, de tudo. Ele era um socialista, totalmente ligado à sua causa. O Chico acreditava em um mundo novo, em um mundo justo. Esse foi o princípio que norteou a sua



"O CHICO ERA COMPLEXO, MAS NÃO ERA COMPLICADO. ELE CONSEGUIA FAZER O MAIS DIFÍCIL: SER SIMPLES".



vida, inteiramente dedicada à militância.

O PT, o movimento ecológico, o meio ambiente, isso foi natural, foi resultado da vivência dele como seringueiro, do conhecimento que ele tinha da natureza e da vida na floresta, uma prática de vida compartilhada com os índios e com os seringueiros.

Depois o Chico descobriu que aquilo que já estava dentro dele era uma bandeira, uma causa internacional. E ele então soube muito bem fazer uma interessante relação da causa ambiental com os princípios que praticava. Ele juntou sua vivência de seringueiro com

sua opção de vida, que era a causa dos mais fracos.

Naquela época, não se falava em ecologia no Acre, a militância do PT era completamente vermelha, não tinha nada de verde. Era uma militância tradicional, defendendo a floresta sem compreender as coisas da floresta. Foi o Chico quem trouxe o verde para as nossas vidas.

Mesmo sendo um grande político, no começo o Chico teve muita dificuldade para colocar seus ideais dentro da CUT e do PT. A sua causa não era a causa operária, não era a causa dos trabalhadores organizados segundo o modelo sindical brasileiro. Lembro-me quando ele, pela primeira vez na história, conseguiu emplacar uma tese na CUT, defendendo uma Reforma Agrária

específica e diferenciada para a Amazônia.

Essa foi uma grande conquista do Chico, um grande começo, o início das mudanças. Antes de qualquer um de nós, ele tinha percebido que a nossa luta precisava que as bandeiras de nossas militâncias combinassem com o nosso jeito de ser, com o nosso modo de vida.

E assim foi nascendo, gradativamente, o movimento socioambiental que ganhou o mundo e que até hoje baliza o nosso jeito de trabalhar, de viver, de seguir lutando por aquele outro mundo que o Chico, teimosamente, acreditava ser possível.

Acho que isso aconteceu porque o Chico tinha uma rara inteligência, uma capacidade superior à de todos, para escutar. Antes de entabular conversa com uma pessoa desconhecida, ele primeiro arrancava a essência daquela pessoa. Ele tinha um jeito moleque de introduzir a conversa, de puxar o novelo até saber com quem estava conversando.

Porque a conversa com o Chico era sempre um diálogo. Ele nunca falava sem saber o que outra pessoa tinha interesse em ouvir e nunca perdia a oportunidade de aprender numa conversa. Por isso o Chico não era só inteligente, ele era o intelectual do movimento.

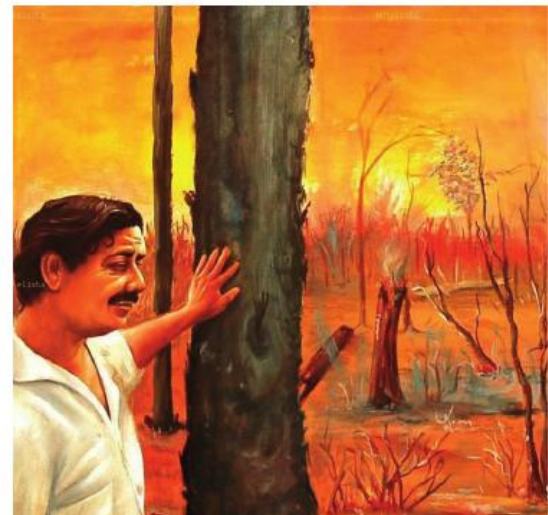
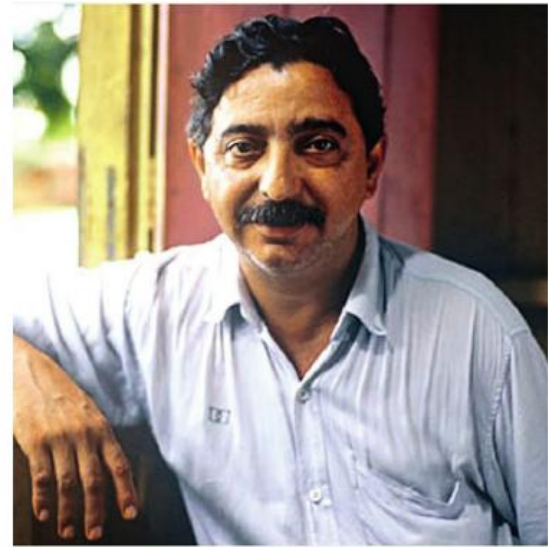
Muita gente não acredita nisso. Muitas pessoas acham que endeusamos o Chico por uma necessidade de militância, que

transformamos o Chico em um herói para fortalecer a nossa luta. Nós seguimos dizendo que o Chico era diferente, que o Chico não era desse mundo.

A liderança dele vinha da capacidade que ele tinha de estar sempre ao lado das pessoas, nunca acima de ninguém, sempre junto. Por inspiração do Chico, a gente vem tentando construir no Acre uma sociedade mais inclusiva, mais cidadã, uma comunidade da florestania, feita "de todo coração", como tudo o que o Chico costumava fazer.

Nessa caminhada, ora acertamos, ora tropeçamos. O tempo vai passando, e de um jeito ou de outro os princípios do Chico vão sendo repassados para as novas gerações, as feridas daquela morte absurda naquele dia 22 de dezembro de 1988 vão cicatrizando. Persiste, no Acre e no Brasil, a memória viva de Chico Mendes.

Mas ainda dói, e muito, aquele dia-noite do clarão, do susto do telefone, quando o Guma, advogado-amigo meu e do Chico, me ligou chorando. Antes mesmo de ouvir a voz do Guma do outro lado da linha, eu já sabia o que tinha acontecido. Eu só não sabia o que fazer. Acho que até hoje eu ainda não sei.



→ Atenção jovem do Futuro

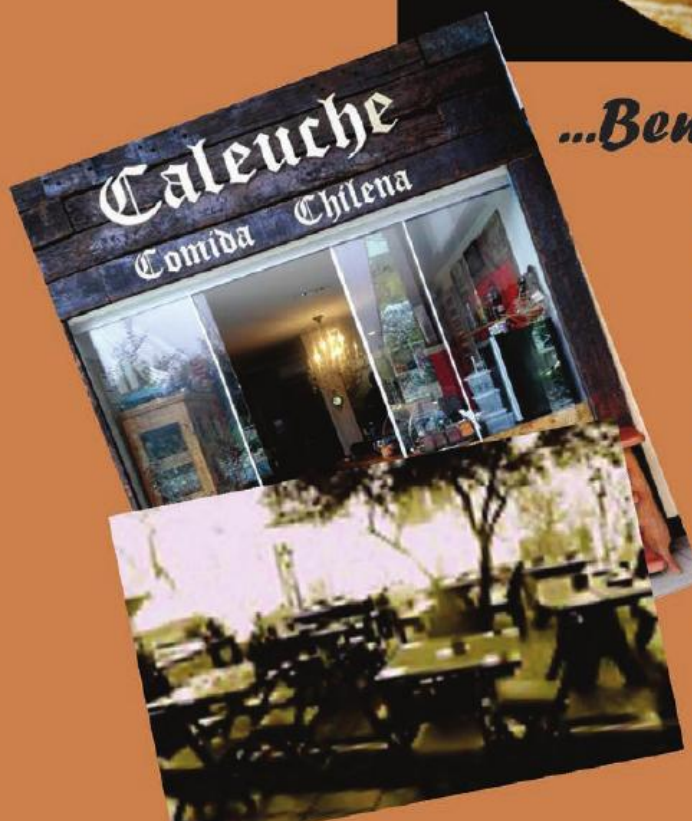
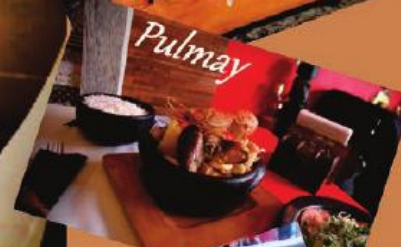
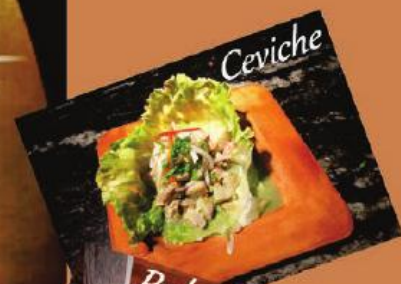
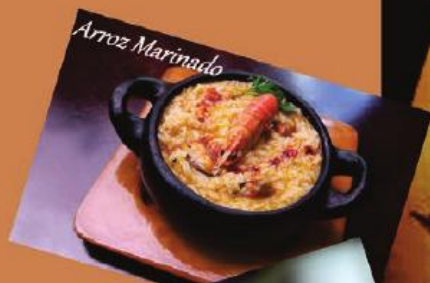
6 de Setembro do ano
de 2020, aniversário de
12 anos da Revolução
Socialista Mundial, que
unificou todas as povos do
Planeta. Meu só ideal e
meu só pensamento de
unidade Socialista, e que
pós fins a todos os inimigos
da nova sociedade.

Aqui ficam somente
a lembrança de um triste
passado de dor, sofrimento e
morte.

Desculpem
eu estava sonhando
quando escrevi, estes
acontecimentos, que eu
mesmo não sei. Mas tenho
o prazer de ter sonhado

L

**Tem Um Navio Pirata Chileno, Cheio de Tesouros,
Ancorado na Asa Norte...**



...Bem-Vindos a Bordo!

Primeiro restaurante em Brasília especializado em comida caseira chilena, representando a gastronomia e a cultura do Chile na cidade. A comida chilena é fortemente influenciada pelos espanhóis e indígenas Mapuches, explorando iguarias da terra e do mar numa mescla de sabores, texturas e aromas muito agradáveis e inusitados ao nosso paladar.

A partir das oito da noite, sextas e sábados, promovemos shows musicais/performance com artistas da cidade e também fomentamos encontros de poetas, escritores e dramaturgos num sarau cultural que se renova a cada semana.

Abrimos de terça a sábado para happy hour/jantar à partir das seis da tarde, e às sextas e sábados também para almoço, de meio-dia às quatro da tarde.

Reservas: 3522-5363 e 8114-5360.

CLN 310 - BLOCO A - LOJA 38 - TÉRREO
caleuchecomidachilena@gmail.com



PARA QUE NUNCA SE ESQUEÇA PARA QUE NUNCA MAIS ACONTEÇA

Guilherme Richelieu

Celebrado anualmente em 10 de dezembro, o Dia Internacional dos Direitos Humanos é um dia para a comunidade global lembrar que a garantia efetiva dos direitos humanos – a todos os povos e nações – requer vigilância contínua e participação coletiva. Uma data para reivindicarmos ações concretas de todos os Estados para o cumprimento dos compromissos assumidos com a garantia dos direitos civis, políticos, sociais e ambientais.

Neste ano de 2014, o Dia

Internacional de Direitos Humanos no Brasil foi celebrado também em Brasília, com a entrega do relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV) à presidenta Dilma, em cerimônia oficial no Palácio do Planalto. Resultado de dois anos e sete meses de trabalho, o documento confirma 434 mortes e desaparecimentos de vítimas da ditadura militar no país. Entre essas pessoas, 210 continuam desaparecidas.

Para Pedro Dallari, presidente da Comissão, as graves violações dos direitos humanos

documentadas no Relatório servirão para honrar a memória daqueles que foram violentados durante a Ditadura. De acordo com Dallari, ao permitir que a sociedade brasileira conheça melhor seu passado, o relatório entregue contribui também para o futuro. “Este momento é um marco. [A verdade] permite o conhecimento, a verdade, ao se apurar os fatos todos, permite que a sociedade conheça a si própria, conheça ao Estado. E quem se conhece melhor é capaz de planejar e ter um futuro melhor”, analisou.

Conheça e acesse o relatório final da CNV: bit.ly/relatoriofinalcnv



"Tornar público este relatório nesta data [Dia Internacional dos Direitos Humanos] é um tributo a todas as mulheres e homens do mundo que lutaram pela liberdade e pela democracia e, com essa luta, ajudaram a construir marcos civilizatórios e tornaram a humanidade melhor".

Dilma Vana Rousseff – Presidenta do Brasil



"Junto-me ao Brasil para honrar a memória daqueles que sofreram como resultado das brutais e sistemáticas violações dos direitos humanos que ocorreram entre 1964 e 1988. Convoco a todos os envolvidos a divulgar as descobertas e as recomendações do Relatório Final da forma mais extensa possível. Todas as vítimas têm o direito de saber a verdade sobre as violações que sofreram. Conhecer a verdade oferece às vítimas e aos seus familiares a possibilidade de fazer as contas com o passado sobre a sua perda e o seu pesar. Isso lhes proporciona dignidade e pelo menos uma pequena reparação pelas suas perdas e pelo seu sofrimento."

Ban Ki-Moon – Secretário Geral das Nações Unidas

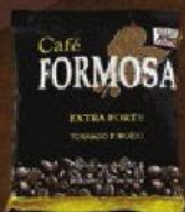
"O dia de hoje acho que é o resultado – principalmente para mim que eu sou familiar de uma vítima –, o fim de um ciclo de décadas de luta para que o Estado brasileiro passe a limpo a nossa história. Mas passe a limpo não somente para nós familiares, que passe a limpo e torne público essa história para aqueles que não viveram".

Ivo Herzog – Filho de Vladmír Herzog, jornalista assassinado no período da ditadura militar.





Café Itiquira. Campeão no sabor e está conquistando seu coração.





DOM CAIXOTE, PROFISSÃO LIVREIRO E UM BREVE ROTEIRO DOS SEBOS DE BRASÍLIA

Guilherme Cobelo

Acabo de sentar à minha mesa para escrever sobre livros & livreiros. Gostaria de incrementar meu texto com referências históricas, mas pouco sei do assunto. A não ser que eu escreva de um ponto de vista bastante subjetivo, investigando minhas memórias e experiências em busca de substância. Afinal, desde que a micro-história ganhou legitimidade historiográfica, os relatos pessoais ganharam estatuto de verdadeiras fontes primárias. Então lá vou eu. Mergulho em minha história para me manifestar: o tema se esboçará por si só.

Atualmente um dos meus trabalhos é no comércio de livros. Eu e minha companheira Tâmara tocamos há um ano o sebo (ambulante) Dom Caixote. Migramos com nossa mesa e nossos caixotes para ali e para lá. Ora montamos em um café, ora em uma feira-livre, ora em uma feira de vinhos. Fazemos o que um sebo-loja faz, porém à nossa maneira, por fora.

Há cinco anos eu fazia

essa migração com os livros na mochila e nas mãos, de mesa em mesa, bar em bar, café, adega, onde fosse e onde pudesse. Vendia razoavelmente bem e podia voltar mais ou menos tranquilo para minha quitinete vagabunda, com dinheiro no bolso.

“Cada sujeito desses pode passar a vida bem”, disse João do Rio em 1906, referindo-se aos camelôs de livros, a “próspera profissão da miséria” (RIO, João do. A alma encantadora das ruas. Companhia de Bolso, 2009. p. 87). Em duas semanas conseguia assegurar as contas do mês. No dia seguinte fazia minhas voltas em busca de mais livros, sempre alimentando o acervo que se renovava diariamente. Trabalho solitário, garimpo.

Nas ruas vira e mexe eu topava com outros ambulantes, livreiros ancestrais como o célebre Faraó, especializado em autores e editoras brasilienses, o Jorge, grandalhão,

carregando uma pilha tão enorme quanto aleatória, o escritor Marco Polo com seu colete-vitrine, o único que ainda vejo perambulando por aí. O Faraó agora vende pimenta, e o Jorge nunca mais vi; estará vivo?

“Os vendedores de livros são uma chusma incontável que todas as manhãs se espalha pela cidade, entra nas casas comerciais, sobe aos morros, percorre os subúrbios, estaciona nos lugares de movimento. Há alguns anos, esses vendedores não passavam de meia dúzia de africanos, espapaçados preguiçosamente como o João Brandão na praça do Mercado. Hoje, há de todas as cores, de todos os feitios, desde os velhos maníacos aos rapazolas indolentes e aos propagandistas da fé.” (RIO, João do. A alma encantadora das ruas. p. 85).

E de lembrar que tudo começou com uma biblioteca desfeita... Algo em torno de 300 livros, Cortázar, Hesse, Murilo Rubião, Augusto dos



Anjos, Rimbaud, Lautréamont, Carl Solomon, Burroughs, Poe, Calvino, Nietzsche, Camus, Villon, Lovecraft, Bob Dylan... Muitas pessoas perguntavam se eu não tinha dó de vender tanta pérola.

Eu explicava, na língua das ostras, que não estava me desfazendo deles por meros trocados para uma e outra cerveja, uma e outra carteira de cigarro. Claro que esses gastos também estavam envolvidos na contabilidade do mês, mas não era esse o ponto. Lembro-me de um cara me dizendo uma vez que tinha pena da minha mãe, querendo dizer com isso que eu estava arruinando a biblioteca dela.

É o tipo de suspeita que um sebilista ambulante desperta nas pessoas: "esse tanto de livro só pode ser roubado". Calúnias à parte, eu estava realmente envolvido com essa coisa de ser livreiro, de ter uma pilha respeitável embaixo do braço e me relacionar com as pessoas por meio desse papo silencioso que rola entre o leitor-cliente e o leitor-livreiro.

A imagem que sempre me vem à mente, uma imagem antiga, é a de um velho sentado na porta de sua loja, recebendo os "clientes" habituais e casuais. Ora, ele conhece muito bem o seu espaço, o seu domínio, transita com desenvoltura entre as

estantes, agarra com precisão os volumes que procuram. Entre ele e os outros existe uma relação de cumplicidade muito peculiar, uma troca de imaginários constante, (con) fusão de sonhos, empatias mútuas, confiança e, também, cinismo.

Lembro o trecho de um romance ocultista (Zanoni) que li, no qual certo livreiro é celebrado por sua excelentíssima coleção de livros insólitos, tratados de magia, compêndios esotéricos, poemas alquímicos que faziam suspirar os connoisseurs, os eruditos. Seu ofício era quase o de um guardador-de-segredos, revelados apenas àqueles que haviam sido iniciados nos mistérios do oculto.

Lembro também uma referência – talvez tenha lido em um artigo sobre as livrarias antigas de São Paulo – sobre um livreiro que recomendava aos clientes que, fosse o caso de não desejarem guardar o livro, o vendessem de volta. Rá! Quantas vezes não desejei correr atrás daquelas edições raras que frequentemente aparecem uma vez apenas em nossa vida.

O Panamérica de José Agrippino de Paula, por exemplo, primeira edição, 1967, folha de papel cretone ou de pão, sei lá. Anos atrás entreguei ele a um escritor

conhecido (embora maldito) da cidade, dizendo que talvez fosse de seu interesse investigar o texto e a vida do autor, pois ele passara grande parte de sua vida na esquizofrenia e havia morrido recentemente e pouco se escrevia sobre ele etc. Fato é: o livro ficou com ele uns quatro anos, e muitas vezes eu me pegava pensando o quanto tinha sido displicente passando o livro daquela maneira.

Por que eu mesmo não escrevia nada sobre o cara? Contracultura literária brasileira de primeira linha. Comprara a "epopeia" pela bagatela de 3 reais em um sebo na Asa Norte. Há quem peça 300 na internet.

Passsei um ano tentando reaver o dito cujo até que desanimei com a probabilidade do meu conhecido tê-lo perdido, como o próprio lamentou na época. Para a minha sorte, contudo, acabou achando e recentemente tive o Panamérica de volta. Não vendo mais, mesmo que não vá escrever nada sobre ele. Ficará comigo à disposição de quem quiser lê-lo. Entre outros, muitos outros. Se um dia eu estiver passando fome ou qualquer outra necessidade, talvez até cogite vendê-lo, mas com a certeza de que antes terei copiado ele inteiro.

Agora, como estamos falando de livros e pérolas, gostaria de esboçar um breve roteiro de sebos em Brasília para o bibliófilo bem disposto e curioso. Não aquele que espirra e se coça na primeira poeira, sendo isso o bastante para ir-se embora, mas aquele que se agacha, limpa o ranho, suja as mãos, dá peteleco em traça e sabe que muitas vezes a pedra mais preciosa está socada no meio da montanha.



Então vem, vamos lá. Como diz a Cila do Coco, a cidade tem movimento, quem quiser vir pode passear. Não falarei das lojas célebres, por motivos óbvios. Façamos o contrafluxo. Limitarei o roteiro por enquanto apenas à W3 sul:

I - Começando na 510, vá andando pela calçada, passando pelos restaurantes, cabeleireiros, armazéns, lojas de ferragens, até se deparar com a banca de jornal "Nova Era". Não se intimide com o pouco espaço. Em frente ao balcão verá umas três estantes de ferro lotadas de livros. Baratos e bem conservados. Algumas pérolas. Cassandra Rios, edição dos anos 50. Cadernos de literatura do instituto Moreira Sales. Ariano Suassuna. Hitchcock/Truffaut. Ainda leva um bom picolé de frutas do cerrado por apenas R\$ 1,70. Detalhe: a livraria é praticamente ignorada.

II - Prossiga andando rumo à 512. Depois que atravessar o restaurante Roma, haverá outra banca, bem mais largada e mais aberta. Logo verá um tanto de livros "em exposição, cheios de pó, com as capas entortadas pelo sol". Talvez lá no fundo esteja o Fulano sentado, tocando seu pifano de PVC ou preparando alguma beberagem à base de cacau. Lá você encontra



bons livros a preços módicos. Sade. Mate-me por favor. Sartre. Rousseau. E uma vasta coleção de revistas eróticas e pornográficas. Suecas, russas, húngaras. Escatologia e breviários bíblicos. Beauvoir e Plínio Marcos. Não encontrará água para matar a sede, nem picolé. Só livros, revistas, CDs e DVDs. Esturricados, é verdade. Mas o preço compensa.

III - Mais à frente, no rumo da 514, haverá uma banca sabiamente coberta de lona (azul). Adentrará o recinto passando por um corredor apinhado de livros e mais livros. Sentado ao fundo haverá o Sicrano sentado assistindo à TV. Atrás dele e por toda parte: livros e mais livros! Ali tem que ser garimpeiro. E convém não ser alérgico. Muitos estarão com indícios de mofo... Paciência.

Entre Freud, Tolkien, biografia de Madame Satã e coleções de Ficção Científica, talvez até encontre uma boa vitrola a preço negociável. A gruta do caçador. Coragem.

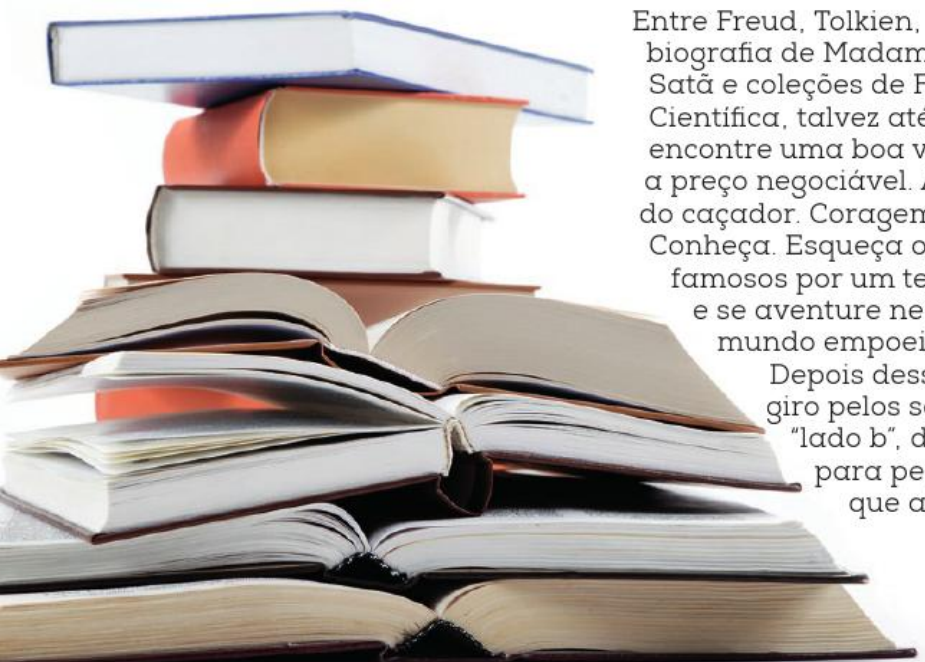
Conheça. Esqueça os sebos famosos por um tempo e se aventure neste mundo empoeirado.

Depois desse giro pelos sebos "lado b", dá para perceber que ainda

existem boas livrarias na cidade e que é possível economizar mesmo quando se trata de relíquias. Em tempos de mega stores, nos quais o mercado livreiro está bastante debilitado, resistências inconscientes pipocam aqui e ali, quase que à margem do pomposo cenário mercantilista.

Aquela imagem do velho em sua livraria não deixa de ser uma fantasia em minha mente, conquanto seja raro encontrar alguém que conheça bem o seu produto. É verdade que tem o Chiquinho lá na UnB, que sabe de tudo um pouco e conhece bem os clientes que tem.

Nós do sebo Dom Caixote buscamos de alguma forma realizar essa imagem do livreiro que é praticamente uma ponte, um guia e um guardião. A um sebo não basta vender livros usados, tem que ter uma personalidade, ou várias. Tem que ser motivo de encontro, revelação, descoberta. Quem sabe um dia não viramos também uma editora? Tudo é possível. A ver. Por enquanto continuamos com o apartamento cheio de livros espalhados nas estantes, nas mesas, nos armários e pelo chão. Querendo a lista, enviamos para o seu e-mail, sem grilo. Livre-se!



O QUE É SUSTENTABILIDADE?

foto: shutterstock.com

Leonardo Boff

Há hoje um conflito entre as várias compreensões do que seja sustentabilidade. Clássica é a definição da ONU, do Relatório Brundland (1987) "desenvolvimento sustentável é aquele que atende as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem as suas necessidades e aspirações". Esse conceito é correto, mas possui duas limitações: é antropocêntrico (só considera o ser humano) e nada diz sobre a comunidade da vida (outros seres vivos que também precisam de sustentabilidade). Tenho uma formulação o mais integradora possível:

Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos

os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando a sua continuidade e ainda a atender as necessidades da geração presente e das futuras, de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução, e coevolução.

Explicamos, rapidamente, os termos desta visão holística:

- **Sustentar** todas as condições necessárias para o surgimento dos seres: Estes só existem a partir da conjugação das energias, dos elementos físico-químicos e informacionais que, combinados entre si, dão origem a tudo.
- **Sustentar** todos os seres: Aqui se trata de

superar radicalmente o antropocentrismo. Todos os seres constituem emergências do processo de evolução e gozam de valor intrínseco, independentemente do uso humano.

- **Sustentar** especialmente a Terra viva: A Terra é mais que uma "coisa" (res extensa), sem inteligência ou um mero meio de produção. Ela não contém vida. Ela mesma é viva, se autorregula, se regenera e evolui. Se não garantirmos a sustentabilidade da Terra viva, chamada Gaia, tiramos a base para todas as demais formas de sustentabilidade.
- **Sustentar** também a comunidade de vida: Não existe o meio ambiente com algo

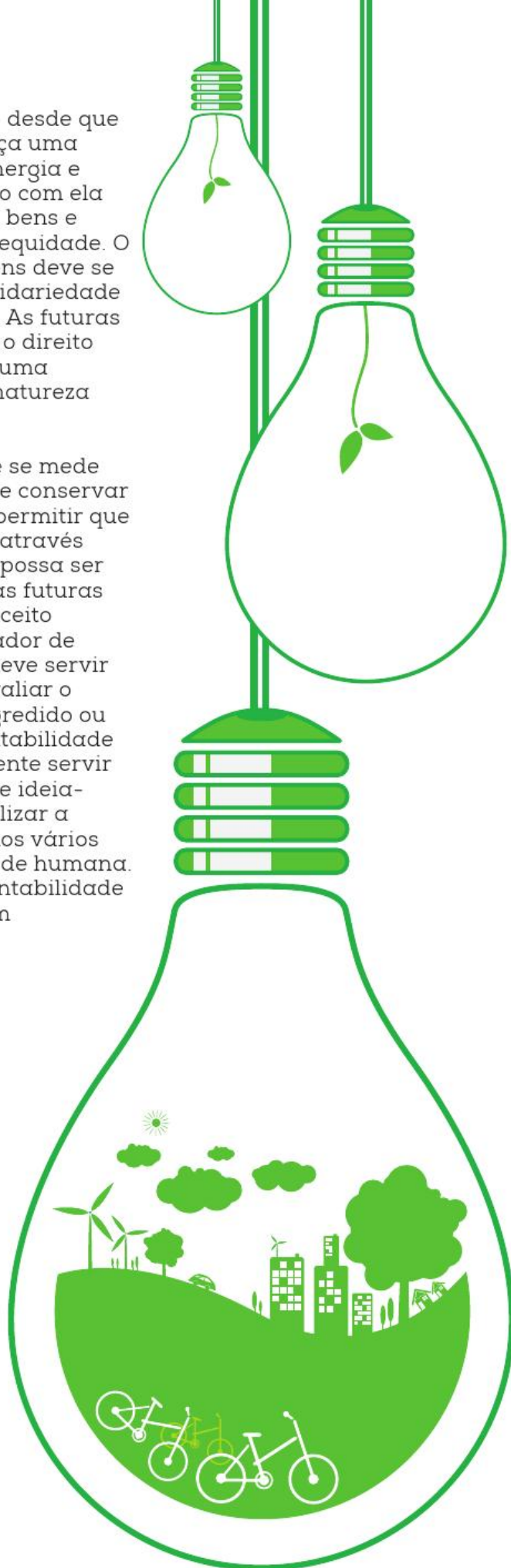
secundário e periférico. Nós não existimos: coexistimos e somos todos interdependentes. Todos os seres vivos são portadores do mesmo alfabeto genético básico. Formam a rede de vida, incluindo os micro-organismos. Esta rede cria os biomas e a biodiversidade e é necessária para a subsistência de nossa vida neste planeta.

- **Sustentar** a vida humana: Somos um elo singular da rede da vida, o ser mais complexo do nosso sistema solar e a ponta avançada do processo evolutivo por nós conhecido, pois somos portadores de consciência, de sensibilidade e de inteligência. Sentimos que somos chamados a cuidar e guardar da Mãe Terra, garantir a continuidade da civilização e vigiar também sobre nossa capacidade destrutiva.
- **Sustentar** a continuidade do processo evolutivo: Os seres são conservados e suportados pela Energia de Fundo ou a Fonte Originária de todo o Ser. O universo possui um fim em si mesmo, pelo simples fato de existir, de continuar se expandindo e se autocriando.
- **Sustentar** o atendimento das necessidades humanas: Fazemo-lo através do uso racional e cuidadoso dos bens e serviços que o cosmos e a Terra nos oferecem, sem o que sucumbiríamos.
- **Sustentar** a nossa geração e aquelas que se seguirão à nossa: A Terra é suficiente para

cada geração desde que esta estabeleça uma relação de sinergia e de cooperação com ela e distribua os bens e serviços com equidade. O uso desses bens deve se reger pela solidariedade generacional. As futuras gerações têm o direito de herdarem uma Terra e uma natureza preservadas.

A sustentabilidade se mede pela capacidade de conservar o capital natural, permitir que se refaça e ainda, através do gênio humano, possa ser enriquecido para as futuras gerações. Esse conceito ampliado e integrador de sustentabilidade deve servir de critério para avaliar o quanto temos progredido ou não rumo à sustentabilidade e nos deve igualmente servir de inspiração ou de ideia-geradora para realizar a sustentabilidade nos vários campos da atividade humana.

Sem isso a sustentabilidade é pura retórica sem consequências.



ATTO

A TORRE GIGANTE DA AMAZÔNIA

Claudio Barbosa, Guilherme Richelieu

A partir de 2015, uma torre com tecnologia de ponta, medindo 325 metros de altura, passará a monitorar os efeitos climáticos da maior floresta tropical do Planeta. Com quase sete metros a mais que a torre Eiffel de Paris, a torre gigante da Amazônia também desbanca em 25 metros o Observatório de Estudos Climáticos da Sibéria, considerado até então o mais alto do mundo.

A Torre Alta de Observação da Amazônia (Amazon Tall Tower Observatory - Atto) é o maior e mais complexo observatório de estudos e pesquisas climáticas do gênero no mundo. O projeto é um empreendimento científico realizado em parceria pelo Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa) e o Instituto Max Planck de Química, da Alemanha.

Para Antônio Manzi, doutor em física da atmosfera, pesquisador do Inpa e um dos

coordenadores do projeto, a tecnologia da Atto é capaz de monitorar as complexas relações entre a atmosfera e a floresta, medir com precisão e rapidez os fluxos amazônicos de calor, água e gás carbônico e fazer a análise minuciosa dos padrões de vento, umidade, absorção de carbono, formações de nuvens e parâmetros meteorológicos.

“Os instrumentos científicos da torre vão permitir o conhecimento inédito sobre o papel do ecossistema amazônico nas mudanças climáticas regionais e globais”, afirma Manzi. O pesquisador destaca que os equipamentos de ponta ficarão em funcionamento sem parar, por quase três décadas, coletando e armazenando nos computadores novas informações sobre as partículas de ar para estudos e pesquisas a cada cinco segundos.

Para Paulo Artaxo, físico

da USP e co-coordenador do projeto, agora será possível verificar se nas próximas décadas a Amazônia continuará absorvendo carbono na atmosfera, como acontece hoje. Segundo Artaxo, a Atto permitirá monitorar de forma inédita os gases do efeito estufa liberados pela floresta e analisar a radiação solar, o ciclo hidrológico e o ciclo de nutrientes na floresta.

Artaxo explica que o projeto Atto integra o Programa de Grande Escala da Biosfera-Atmosfera na Amazônia (LBA), que opera ao todo com cerca de 10 torres de fluxo de Carbono na Amazônia, sendo a Atto uma torre mais sensível, o que possibilita integrar uma área muito mais extensa de floresta, diminuir as incertezas e contribuir para aprimorar a representação da Amazônia e de outras áreas tropicais úmidas nos mesmos modelos climáticos.

DESAFIOS

O sonho de instalar um observatório dessa magnitude no coração da selva amazônica começou em 2007, com a formalização da parceria de cooperação entre o Brasil e a Alemanha. Antônio Manzi admite que os esforços foram muitos até chegar a esta fase do projeto. Entre os desafios ultrapassados, o pesquisador destaca o difícil acesso ao local escolhido estrategicamente para instalar a torre, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), no município de Autumã, a 250 km de Manaus, no Amazonas.

“Nesses sete anos de projeto foi necessário abrir trilhas na selva, construir estradas, com suas devidas licenças legais e ambientais, erguer duas torres menores, de

cerca de 82 metros, instalar alojamentos e realizar o transporte da região Sul à Norte das peças pesadas da torre, que é ancorada por cabos de aço em blocos que totalizam 170 metros cúbicos de concreto, com 400 toneladas”, comenta Manzi.

Ele descreve ainda a jornada no transporte. “Percorremos cerca de 3,1 mil km, saindo de Curitiba até Porto Velho (RO), daí mais 200 km até o cruzamento com a rodovia Transamazônica em Humaitá, no Amazonas, onde seis carretas foram embarcadas em balsas no Rio Madeira. Depois mais quase 1 mil km, passando pelos rios Amazonas e Autumã, até que as carretas pudessem desembarcar e pegar a estrada exclusiva do projeto Atto”.



SOLUÇÕES

A empresa responsável pela construção e entrega da estrutura da Atto é do Paraná, a San Soluções Empresariais. Sérgio Alves do Nascimento, representante da empresa, reforça que construir uma torre dessa magnitude na região amazônica envolve muitos desafios tecnológicos e logísticos.

Segundo Nascimento, as estruturas que são feitas pela empresa medem, em média, entre 50 e 150 metros, mas o projeto Atto rendeu um desafio bem maior. “Vamos entregar uma estrutura quase três vezes superior às de costume, de 325 metros de altura, no meio da floresta amazônica, onde o acesso é muito complicado”, salienta.

O custo total do projeto foi de cerca de R\$ 20 milhões, incluindo os R\$ 7,5 milhões da construção da torre, além de equipamentos e obras, no decorrer dos sete anos dessa cooperação entre o Brasil e a Alemanha.



JANEIRO

D	S	T	Q	Q	S	S
				①	2	3
4	5	6	7	8	⑨	10
⑪	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

- 1 Dia Mundial da Paz/Confraternização Universal
- 9 Dia do Astronauta
- 11 Dia do Controle da Poluição por Agrotóxicos

FEVEREIRO

D	S	T	Q	Q	S	S
1	②	3	4	5	⑥	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28

- 2 Dia Mundial das Zonas Úmidas
- 2 Dia de Iemanjá
- 6 Dia do Agente de Defesa Ambiental

MARÇO

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
⑧	9	10	11	12	13	⑭
15	16	17	18	19	20	⑳
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

- 8 Dia Internacional da Mulher
- 14 Dia Mundial de Luta dos Atingidos por Barragens
- 21 Dia Internacional da Floresta
- 21 Dia Mundial da Água

ABRIL

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

- 7 Dia Mundial da Saúde
- 15 Dia Nacional da Conservação do Solo
- 19 Dia dos Povos Indígenas
- 22 Dia da Terra

MAIO

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

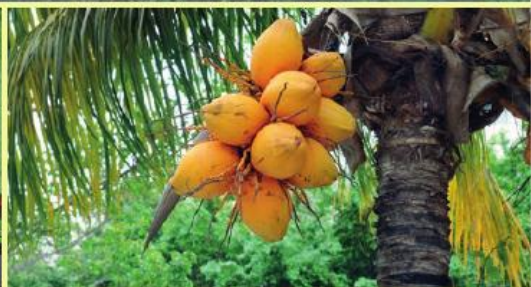
- 3 Dia do Solo e do Pau-Brasil
- 18 Dia das Raças Indígenas da América
- 22 Dia Internacional da Biodiversidade
- 27 Dia Nacional da Mata Atlântica

JUNHO

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

- 31/05 a 05/06 – Semana Nacional do Meio Ambiente
- 17 Dia Mundial de Combate à Desertificação e à Seca
- 23 Dia do Lavrador
- 29 Dia do Pescador





CALENDÁRIO ECOLÓGICO 2015

JULHO

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

12 Dia do Engenheiro Florestal
 17 Dia de Proteção às Florestas
 26 Dia Mundial dos Manguezais
 28 Dia do Agricultor

AGOSTO

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

5 Dia Nacional da Saúde
 9 Dia Internacional dos Povos Indígenas
 14 Dia do Combate à Poluição

SETEMBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
						5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

5 Dia da Amazônia
 11 Dia do Cerrado
 21 Dia da Árvore
 22 Dia da Defesa da Fauna

OUTUBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

3 Dia Nacional da Agroecologia
 4 a 10 Semana da Proteção à Fauna
 15 Dia do Educador Ambiental
 16 Dia Mundial da Alimentação

NOVEMBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

5 Dia da Cultura e da Ciência
 20 Dia da Consciência Negra
 29 Dia do Café
 30 Dia do Estatuto da Terra

DEZEMBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
						5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

10 Dia Nacional do Catador de Material Reciclável
 22 Dia da Consciência Ecológica / Chico Mendes
 29 Dia Internacional da Biodiversidade
 31 Dia da Esperança





INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE UMA SIMBIOSE POR SE COMPLETAR

Lúcia Resende

Existe hoje uma palavra de ordem no Brasil e no mundo: inclusão. Na verdade, o vocábulo vem ganhando força desde o final do século passado, e inúmeras têm sido as ações inclusivas, a maioria delas exitosas. Entretanto, longe estamos de uma realidade em que os direitos sejam de fato assegurados a todos e a todas. Pelo menos uma em cada quatro pessoas sofre diariamente com a exclusão decorrente da falta de acessibilidade. Basta retirar a venda dos olhos e procurar à nossa volta para ver empecilhos por toda a parte.

De vista livre, é possível notar

o cego que tropeça em cada esquina, o surdo impedido de perceber o carro que se aproxima, a muletante que não consegue vencer o degrau, o cadeirante que não tem como entrar em um ônibus, a pessoa que não consegue se acomodar na cadeira por causa da obesidade, o bebê sacudido no carrinho na calçada esburacada, a senhorinha idosa que escorrega e cai, o indivíduo que não compreende a explicação aparentemente tão óbvia, e tantas outras evidências da exclusão.

De vista livre, pode-se também não ver. Sim, porque

a grande maioria das vítimas da falta de acessibilidade não pode ser vista. São milhões de brasileiros e brasileiras que ficam em casa, porto quase sempre mais seguro, com âncoras já certas, prontas a acudir e evitar a deriva. Fora de casa, o que há são as calçadas esburacadas, as lixeiras fora de lugar, os degraus, os desníveis, os pisos escorregadios, a falta de sinalização adequada, enfim, a certeza do obstáculo, a possibilidade do maltrato, o risco da dor. Melhor em casa, melhor em casa.

Mas ainda que não enxergando, resta a abstração

que permite ver tudo isso, antever o trágico e evitar que aconteça. Abstraindo-se da própria realidade é possível ver, sobretudo, a relação simbiótica que existe entre acessibilidade e inclusão. Uma relação de dependência absoluta, de exigência plena. Falar em inclusão sem compreender essa relação e sem trabalhar para fortalecer e completar essa simbiose é tarefa vã.

A legislação brasileira é inequívoca e estabelece a obrigação de garantir acesso fácil aos espaços, aos mobiliários e equipamentos urbanos, às edificações, aos serviços de transporte e aos dispositivos, sistemas e meios de comunicação, para que todas as pessoas possam viver de forma autônoma, segura e independente.

Entretanto, existem barreiras de todo tipo e em todo lugar. Nos transportes, na comunicação, nos comportamentos e atitudes de desrespeito e, com frequência absurda, nas edificações. As chamadas barreiras arquitetônicas proliferam, não só nos espaços domiciliares, em propriedades de uso coletivo, mas também nos prédios e espaços públicos.

Há uma década, em decorrência do Decreto-Lei 5296/04, a chamada Lei da Acessibilidade, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) definiu as normas de acessibilidade, com base nos princípios do Desenho Universal. A NBR 9050/04 traz todas as orientações para evitar que barreiras sejam instaladas e para facilitar a remoção das já existentes. Entretanto, essas regras vêm sendo desrespeitadas, seja por causa do desconhecimento, seja pela omissão do poder público, a quem cabe cumprir a Lei, orientar as pessoas quanto a sua importância e fiscalizar seu

cumprimento.

A esta altura, você deve estar se perguntando: mas o que posso eu fazer? Muito mais que o beija-flor da floresta incendiada, pode acreditar. Você pode começar por aquilo que é de sua responsabilidade, concorda? Pois bem, a obrigação de cuidar da calçada da sua casa, ou do seu comércio, é sua! Já imaginou se todas as calçadas fossem acessíveis? Certamente daríamos um passo gigantesco rumo à inclusão!

Sabendo disso e diante da situação caótica existente na cidade goiana onde atua, a Associação das Pessoas com Deficiência de Formosa (ADFFOR), elaborou o programa Formosa Acessível, para ser desenvolvido em parceria com instâncias do poder público, empresas, grupos ou indivíduos. Como parte desse programa, existe uma Nota Técnica, que é um resumo da NBR 9050/04, com ênfase nas calçadas. Os textos estão anexados como arquivos no seguinte endereço: [facebook.com/groups/pessoacomdeficienciafsa](https://www.facebook.com/groups/pessoacomdeficienciafsa)

Ao ler as orientações, que são simples, você verá que já pode começar a pensar em mudar a sua calçada e a conversar com outras pessoas, para fazerem o mesmo. Com isso, o incêndio na floresta pode até não ser apagado, mas certamente ficará menor. Se houver ao menos mais uma calçada acessível – a sua –, estaremos avançando um pouco mais rumo à inclusão de todos e de todas, pode apostar!





EMPADÃO GOIANO

Em Goiás se diz que o empadão goiano, surgido na antiga Vila Boa de Cora Coralina há mais de 150 anos, tem ancestralidade em Portugal e na Espanha, mas abraçou-se tanto que, se alguns frutos como o pequi, a guariroba e a jurubeba dão identidade gastronômica ao Planalto Central, o empadão representa a própria alma do povo goiano.

MASSA

½ kg de farinha de trigo
250 g de manteiga gelada (mas já amolecida) ou 250 g de gordura
3 ovos
1 colher (café) de sal
Leite gelado (o necessário para amassar).

Preparo: Coloque a farinha numa bacia, faça um buraco no meio e coloque a manteiga ou gordura, 2 ovos e o sal. Misture com as mãos, e vá acrescentando leite gelado aos poucos e amassando, até que fique uma massa homogênea, macia e soltando das mãos. Reserve.

RECHEIO

1 frango (ou 3 coxas com as sobrecoxas)
200 g de queijo minas ou prata
200 g de pernil
200 g de linguiça de porco
4 ovos
1 xícara (chá) de guariroba cortada em rodela fininhas, previamente preparada e cozida (opcional)
3 dentes de alho
Sal a gosto
1 cebola média
Cheiro verde e azeitonas a gosto.

Preparo: Faça o frango ensopado ao molho de tomate. Deixe o molho mais grosso. Desfie-o em pedaços pequenos (não deixe desmanchar). Pique o pernil em pedaços pequenos, tempere-os, refogue-os bem e deixe-os cozinhar até que fiquem macios. Faça o mesmo com a linguiça. Cozinhe os ovos, pique-os e reserve. Corte o queijo em pedaços pequenos. Misture tudo com o frango, sem mexer muito.

MONTAGEM

Divida a massa em 2 partes, sendo uma maior que a outra. Unte um pirex médio ou 6 formas de empadão com manteiga e reserve. Pegue a parte maior da massa, coloque-a entre 2 folhas de plástico e abra-a com o rolo. Forre um pirex ou as formas com a massa no fundo e nas laterais. Bata a clara do ovo restante com um garfo e passe-a sobre a massa para impermeabilizá-la (reserve a gema) e fure-a com um garfo. Leve para pré-assar por 10 minutos. Retire do forno e reserve. Depois que esfriar um pouco, coloque o recheio frio e cubra com a massa restante (que também foi aberta, entre 2 plásticos, com rolo). Bata a gema com 1 colher de água e passe com 1 pincel sobre a massa. Leve para assar em forno médio.

Rendimento: 12 porções

Tempo de preparo: 90 minutos



Primeira loja **Ultrabox:**
PLANALTINA - BR 020 ao lado do Posto Itiquira.

Segunda loja **Ultrabox:**
GAMA - ao lado do Balão do Periquito.



ULTRABOX

ATACADO E VAREJO

DF 150 - Km 4

Grande Colorado



**Sucesso para suas compras
no atacado e varejo.**



**Ultrabox atende
o comerciante:**

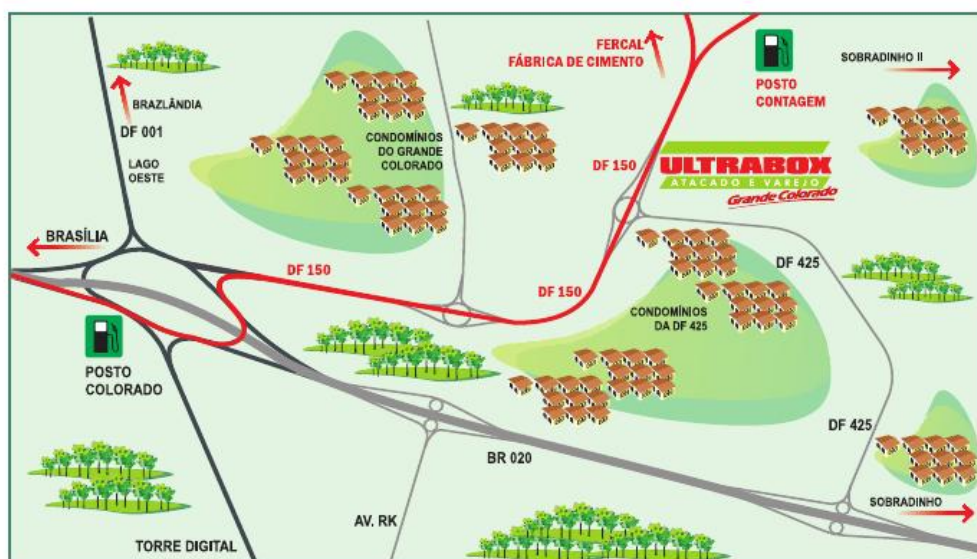
Preço de atacado para você
manter seu estoque em dia.

**Ultrabox atende
quem produz:**

Matérias Primas e embalagens
para pizzas, quentinhas,
biscoitos ou salgadinhos
para vender.

Ultrabox atende você:

Preço baixo e qualidade para
sua despensa e consumo.



Ultrabox Grande Colorado, fácil de encontrar. DF 150 - Km 4



fotos: acervo CORSAP

GESTÃO INTEGRADA DE RESÍDUOS SÓLIDOS

Janaina Faustino

A Lei Federal 12.305, sancionada pela presidenta Dilma em agosto de 2010, estabelece a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS).

O Artigo 18 da Lei 12.305 determina que “a elaboração de plano municipal de gestão integrada de resíduos sólidos, nos termos previstos por esta Lei, é condição para o Distrito Federal e os Municípios terem acesso a recursos da União, ou por ela controlados, destinados a empreendimentos e serviços relacionados à limpeza urbana e ao manejo de resíduos sólidos, ou para serem beneficiados por

incentivos ou financiamentos de entidades federais de crédito ou fomento para tal finalidade”.

Ainda segundo a Lei 12.305, os planos de gestão integrada de resíduos sólidos devem, obrigatoriamente, incluir a participação dos catadores e catadoras de materiais recicláveis nos processos de coleta seletiva, e o prazo para a erradicação dos lixões nos municípios venceu em agosto de 2014.

Nos dois quesitos, a maioria dos municípios brasileiros encontra-se inadimplente. A alternativa para o cumprimento

da legislação pode estar no próprio Art. 18 da 12.305 que em seu § 1º estabelece que “serão priorizados no acesso aos recursos da União referidos no caput os Municípios que:

I - optarem por soluções consorciadas intermunicipais para a gestão dos resíduos sólidos, incluída a elaboração e implementação de plano intermunicipal, ou que se inserirem de forma voluntária nos planos microrregionais de resíduos sólidos referidos no § 1º do art. 16;

II - implantarem a coleta

seletiva com a participação de cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda”.

Saiba mais: <http://www.mma.gov.br>

CORSAP – SOLUÇÃO INOVADORA PARA O DF E ENTORNO

Os Governos de Goiás e do Distrito Federal criaram, em dezembro de 2013, o Consórcio Público de Manejo dos Resíduos Sólidos e das Águas Pluviais da Região Integrada do Distrito Federal e Goiás (CORSAP DF/GO) para elaborar e acompanhar a execução do Plano Intermunicipal da Gestão Integrada dos Resíduos Sólidos (PIGIRS) os municípios associados. O CORSAP-DF/GO tem por objetivo promover a gestão associada dos serviços públicos de manejo dos resíduos sólidos e das águas pluviais, em sua área de abrangência.

O Consórcio adotou o modelo de gestão compartilhada, com a coordenação executiva alternada entre os governos do DF e de Goiás. Fazem parte do CORSAP os municípios de Abadiânia, Água Fria de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cabeceiras, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso de Goiás e Vila Boa de Goiás.

As prioridades do CORSAP, estabelecidas pelo coletivo desses municípios são:

- Elaborar o Plano Intermunicipal da Gestão Integrada dos Resíduos Sólidos (PIGIRS);
- Assegurar uma destinação final dos resíduos sólidos para o conjunto dos municípios

– hoje a maior parte do lixo da região ainda é colocado em lixões condenados pela PNRS;

- Atuar na redução, reutilização e reciclagem dos Resíduos Sólidos, promovendo a Coleta Seletiva com a inclusão de catadores e catadora; Incentivar a compostagem dos resíduos orgânicos; Garantir a disposição ambientalmente adequada dos rejeitos.
- Estabelecer um sistema regional de coleta, transbordo, transporte, triagem, tratamento e destinação dos resíduos sólidos.
- Realizar o licenciamento ambiental das atividades de impacto local;
- Reforçar a educação ambiental;
- Assegurar a participação

e o controle social.

CONSTRUÇÃO PARTICIPATIVA DO PIGIRS

O PIGIRS é o conjunto de ações integradas na busca de soluções para os resíduos sólidos, levando-se em consideração as dimensões social, cultural, econômica, ambiental, política e o correspondente controle social como instrumento de gestão participativa da PNRS. O PIGIRS cumpre os conteúdos mínimos do Art. 19 da Lei Federal 12.305/2010 que, no caso da formação de consórcios, dispensa os municípios da elaboração de Planos Municipais e dá prioridade na alocação de recursos públicos a consórcios.

COMPONENTES DO PIGIRS

O PIGIRS conterá um diagnóstico regional, uma

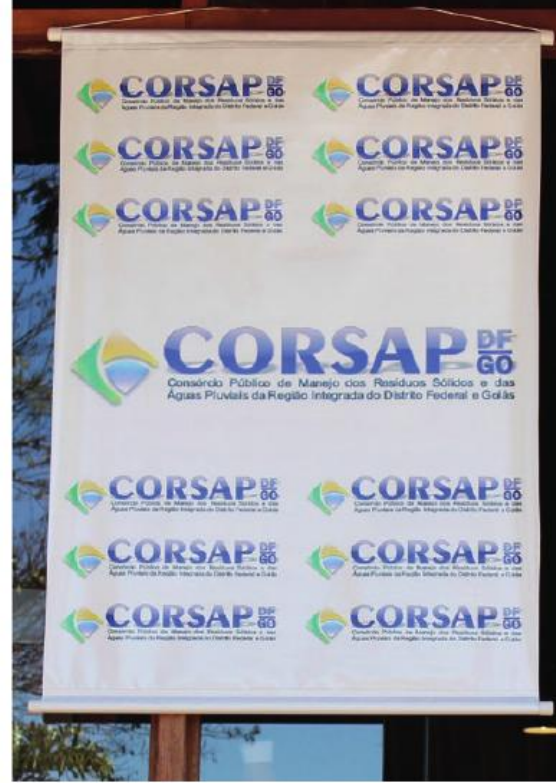


análise de cenários futuros, a especificação de diretrizes, estratégias e metas, responsabilidades do poder público e participação do setor privado e da sociedade, finalizando com programas e ações de gestão dos diversos tipos de resíduos sólidos. Consiste dos seguintes componentes:

PROGRAMAS OBRIGATÓRIOS DO PIGIRS

- Agenda Ambiental de Resíduos Sólidos na Administração Pública;
- Programa de Capacitação dos Recursos Humanos
- Programa de Disposição Final Ambientalmente

- Adequada dos rejeitos;
- Programa de Gestão, Fiscalização e Disposição Ambientalmente Adequada dos Resíduos de Serviços de Saúde (RSS);
- Programa de Monitoramento e Sistema de Informações
- Programa de Participação dos Grupos Interessados;
- Programa Integrado de Implantação e implementação de Logística Reversa;
- Programa Permanente de Educação Ambiental;
- Programas de Gestão, Reaproveitamento e Reciclagem de Resíduos da Construção Civil (RCC).



AUDIÊNCIAS PÚBLICAS

A Lei 12.305 exige a elaboração de um Plano de Mobilização Social como parte integral dos planos de gestão integrada dos resíduos sólidos. Os processos participativos requeridos pela legislação vigente incluem a realização de audiências públicas prévias e de validação dos planos.

As audiências aconteceram entre os dias 03 e 28 de novembro nos municípios goianos de Cabeceiras, Vila Boa, Cristalina, Valparaíso de Goiás, Padre Bernardo, Água Fria de Goiás, Planaltina de Goiás, Abadiânia, Alexânia, Corumbá de Goiás, Cocalzinho de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Formosa, Cidade Ocidental, Santo Antônio do Descoberto e Luziânia.

Segundo Arquicelso Bites, as audiências públicas prévias realizadas para ouvir as expectativas e demandas da população com respeito ao PIGIRS foram um sucesso.

Saiba mais: corsapdfgo.com.br



resultados das audiências públicas

- Participação: 670 pessoas (279 mulheres, 391 homens) sendo: Poder Executivo (78); Poder Legislativo (14); Servidores(as) Públicos(as) (252); Setor Privado (79); Sociedade Civil (171).
- Temas Mais Tratados: Lixões (prazo de erradicação expirado em agosto 2014); Coleta Seletiva; Educação Ambiental; Controle Social.
- Principais Preocupações: Aterro Sanitário (nenhum município quer um aterro em suas terras); Cooperativas (como fazer dar certo); Corsap (o que vai acontecer em 2015).



fotos: programandoofuturo.org.br

METARRECICLAGEM

VALPARAÍSO DE GOIÁS SAI NA FRENTE

Janaina Faustino

O nome é pomposo, o trabalho complexo, o compromisso com a reciclagem de eletroeletrônicos inabalável. Em um galpão totalmente personalizado com cara de juventude - paredes pintadas e grafitadas, oficinas e salas arejadas e coloridas, toda semana o pessoal da ONG Programando o Futuro recebe e processa toneladas de lixo eletrônico recolhido nas cidades de Brasília e nos municípios do Entorno do Distrito Federal.

O espaço de 800 m², localizado na Etapa B, cedido pela Prefeitura Municipal de Valparaíso de Goiás, cidade vizinha, localizada a menos de 40 km da Esplanada dos Ministérios em Brasília, serve para a reciclagem de eletrônicos, seu ponto forte, mas funciona também como centro de formação, oferecendo cursos de capacitação em informática a jovens da comunidade. "Nós capacitamos nossa juventude, recondicionamos computadores e

tratamos os resíduos gerados pelo lixo eletrônico", diz Vilmar Simion, da Programando o Futuro.

A Estação de Metarreciclagem de Valparaíso de Goiás é a primeira instalada no Entorno do Distrito Federal. A inovação aponta caminhos e provoca um rebuliço nas comunidades da região. O projeto processa 300 toneladas de recicláveis eletrônicos por ano, descartados por pessoas, empresas e prefeituras. "Eu me emociono muito com esse





projeto da Meta porque ele gera capacitação, ocupação e renda para nossa juventude, e isso é bom. Mas, principalmente, porque alimenta sonhos e faz crescer o sentimento de cidadania”, celebra Lucimar Nascimento, prefeita de Valparaíso de Goiás.

Em 2014, a Estação de Metarreciclagem proporcionou a capacitação de cerca de 500 alunos nas oficinas de informática básica, de manutenção de computadores, de eletrônica e de robótica livre. Também possibilitou a doação de 1 mil computadores, que foram

utilizados para informatização de serviços públicos – postos de saúde, escolas, delegacias – e para uso comunitário, em especial para Telecentros. “Daqui saíram máquinas para Goiás, para o Distrito Federal, para Minas Gerais e até para a Bahia, para uma aldeia Pataxó”, lembra Vilmar Simion, coordenador do Projeto. E complementa: “se a Estação de Metarreciclagem não existisse, provavelmente essas 300 toneladas de lixo eletroeletrônico acabariam indo para lixões ou aterros”.

Atualmente existem mais de 20 postos de descarte de materiais espalhados pelo DF e nas cidades do entorno. Qualquer pessoa pode levar seus materiais e equipamentos para descartar. No caso de empresas ou órgãos públicos, onde o volume é maior, a equipe da Metarreciclagem vai até o local realizar a coleta. A relação dos postos de coleta está no site www.doe.seucomputador.org.br e o telefone da Metarreciclagem para contato é (61) 3559-1111.



**NÃO ABANDONE SEUS ELETRÔNICOS NO CANTO DA SALA.
NÃO OS JOGUE NA RUA.**



**DESCARTE CONOSCO.
VALORIZE NOSSA CIDADE!**

Além de reaproveitar componentes, a Estação de Metarreciclagem fará a correta reciclagem.
Descarte também equipamentos de informática e eletrônicos em geral.

Deixe no nosso posto de coleta de segunda a sexta das 8h às 18h.

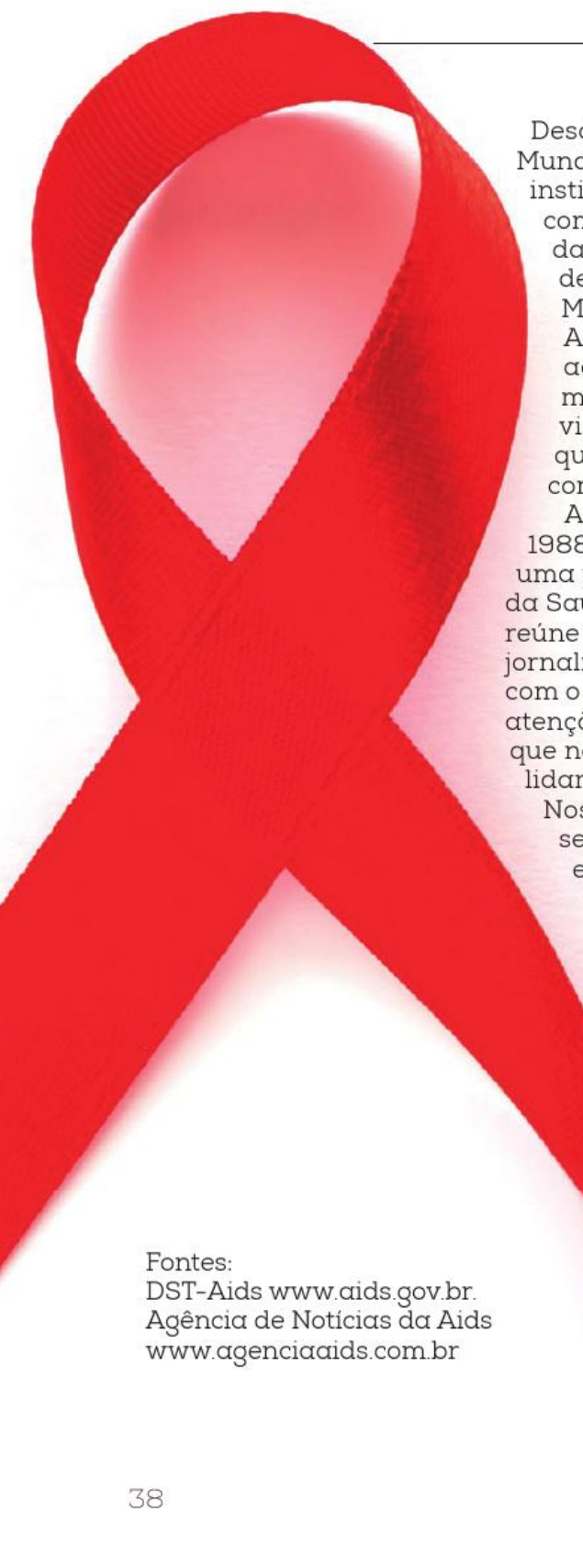
Quadra 02, Casa 02, Etapa A

Sede da Secretaria de Cidadania e Participação Popular.



AIDS NO BRASIL

Roseli Tardelli



Desde que a Assembleia Mundial de Saúde institucionalizou, em 1987, com apoio da Organização das Nações Unidas, o 1º de Dezembro como o "Dia Mundial de Combate à Aids", no mundo inteiro acontecem ações para marcar a data e dar visibilidade a trabalhos que são realizados no combate à doença.

Adotado no Brasil em 1988, por intermédio de uma portaria do Ministério da Saúde, o 1º de Dezembro reúne ativistas, gestores, jornalistas, pessoas que vivem com o vírus e que chamam atenção para as dificuldades que nosso país tem tido para lidar melhor com a questão.

Nos dias de hoje continua sendo complexo trabalhar e enfrentar uma doença que traz ainda em seu entorno, 33 anos depois do diagnóstico do primeiro caso, muito estigma e discriminação.

Os primeiros casos de Aids registrados entre a comunidade gay de Nova Iorque e de São Francisco, nos

Estados Unidos, vieram logo à tona pela rapidez com que as pessoas morriam devido aos efeitos da doença. Também rapidamente o vírus foi se espalhando e, na mesma intensidade, o preconceito.

Na mesma medida, pelo sofrimento e complexidade em se lidar com um vírus que muda e acarreta distúrbios sérios no sistema imunológico e na saúde das pessoas infectadas, as indagações sobre o que e como fazer se multiplicaram.

Em determinado momento da construção de uma resposta, enquanto o mundo decidia se deveria "tratar ou prevenir" o HIV, o Brasil, por pressão e lucidez do movimento social, de médicos e pesquisadores, com o acolhimento de gestores públicos conscientes, fez as duas coisas: tratou e preveniu o vírus causador da Aids.

Assim, a partir de 1996, o Estado passou a distribuir gratuitamente, através do Sistema Único de Saúde (SUS), os antirretrovirais, medicamentos que combatem os efeitos do vírus. Iniciaram-se também trabalhos de distribuição em massa de camisinhas masculinas, depois femininas, na rede pública.

Além disso, passou-se a adotar um sistema de troca de seringas, diminuindo o crescimento de infecções entre as pessoas usuárias de drogas injetáveis.

Fontes:
DST-Aids www.aids.gov.br.
Agência de Notícias da Aids
www.agenciaaids.com.br

Por força de lei, também os convênios médicos e os seguros-saúde se viram obrigados a atender as doenças preexistentes e consequentemente as pessoas que haviam contraído o vírus. Somaram-se as campanhas publicitárias veiculadas no rádio e na televisão, chamando a atenção para o tema.

Com essas estratégias, o Brasil, por muitos anos, foi considerado vanguarda no combate à aids. Construiu respostas, colheu bons

frutos. As especificidades da doença e o fato de ela estar diretamente ligada à mudança de comportamento de todos nós e das novas gerações requerem, com muita urgência, que nosso país volte a realizar ações proativas e a costurar respostas que ajudem a diminuir, por exemplo, o crescimento do número de casos entre adolescentes e jovens gays que estão se infectando precocemente.

Quando falamos sobre aids, falamos também ainda de dificuldades. Falamos

de efeitos colaterais que acontecem com o tempo. Falamos da utilização de novas ferramentas que a comunicação nos disponibiliza para tentarmos mostrar para esta moçada sua situação de fragilidade e de vulnerabilidade. Falamos da necessidade de nos debruçarmos cotidianamente na busca de soluções para barrarmos o crescimento de um vírus que segue sendo um grande desafio para todos nós. Um apelo às nossas ações e às nossas vozes!

dados recentes

- No Brasil ocorrem 30 mil novas infecções pelo HIV e 12 mil mortes por ano. Entre 1980 e 2012, foram registrados 656.701 casos.
- 353 mil pessoas recebem mensalmente os antirretrovirais. 150 mil vivem com o vírus e desconhecem seu estado sorológico.
- Entre 2001 e 2011, a taxa de incidência caiu no Sudeste, de 22,9 para 21,0 casos por 100 mil habitantes. Nas outras regiões, cresceu: 27,1 para 30,9 no Sul; 9,1 para 20,8 no Norte; 14,3 para 17,5 no Centro-Oeste; e 7,5 para 13,9 no Nordeste.
- Em 1989, a razão de sexos era de cerca de 6 casos entre homens para cada 1 caso entre mulheres. Em 2011, último dado disponível, chegou a 1,7 caso em homens para cada 1 em mulheres.
- Em ambos os casos, a aids é mais incidente na faixa etária de 25 a 49 anos de idade. A única faixa etária em que o número de casos é maior entre as mulheres é em jovens de 13 a 19 anos.
- Quanto à forma de transmissão, entre os maiores de 13 anos de idade, prevalece a sexual. Nas mulheres, 86,8% dos casos registrados em 2012 decorreram de relações heterossexuais com pessoas infectadas pelo HIV. Entre os homens, 43,5% dos casos se deram por relações heterossexuais, 24,5% por relações homossexuais e 7,7% por bissexuais. O restante ocorreu por transmissão sanguínea e vertical.

O LUGAR ONDE AS ÁGUAS SE EMENDAM

Eduardo Weiss

A menos de uma hora de Brasília, pouco mais de 50 km depois do Plano Piloto, próxima à cidade de Planaltina-DF, encontra-se uma pérola da ecologia cerratense cuja existência é desconhecida por grande parte dos moradores do Distrito Federal.

Trata-se da Estação Ecológica de Águas Emendadas, uma Unidade de Conservação (UC) de 10.547 hectares, onde ocorre um fenômeno raramente encontrado na natureza: de um mesmo acidente geográfico nascem dois córregos que fluem em direções opostas, margeando uma vereda de seis quilômetros de extensão.

De um lado da vereda a água corre em direção sul até se encontrar, ainda dentro da UC, com a lagoa Mestre D'Armas, o maior lago natural de Brasília,

e daí seguindo pelos rios Corumbá e Paraná, até chegar à Bacia Platina. Ao norte, as águas nascidas aqui no Cerrado do Distrito Federal rompem terras até a bacia do Tocantins-Araguaia, de onde partem para o encontro com o Rio Amazonas.

A Estação é essencial na rede de recursos hídricos do país. Daqui do Planalto Central, as águas emendadas de Brasília contribuem para fortalecer as bacias Amazônica e do Prata. Nossas vias fluviais são interconectadas e mutuamente dependentes, ou seja, o que acontece em um lugar agrava consequências em outro. O que acontece na nossa (relativamente) pequena Unidade de Conservação do Distrito Federal repercute em toda a América Latina.

E como, segundo Muna

Youssef, técnica ambiental da Estação, "Não dá para falar de água sem falar de árvores", a Estação Ecológica de Águas Emendadas ensina que para preservar a água, nossa principal riqueza, precisamos proteger o Cerrado, as plantas, os animais e tudo o que estiver à sua volta.

SANTUÁRIO DA CIÊNCIA E DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Vista do alto, a Estação, administrada pelo Instituto Ambiental de Brasília (IBRAM), é um lindo e majestoso tapete verde, ilhado por um mar de monocultura e asfalto. A estação de Águas Emendadas é cercada por fazendas, chácaras, assentamentos e por espaço urbano. A UC também é cortada pela rodovia BR-020, que liga Goiás à Bahia. Essa

pressão antrópica impacta a Estação, que vem sendo invadida por gente e pelo gado, pela caça predatória e pelo uso de agrotóxicos.

A Estação é assim denominada, diferente de Reserva, por se tratar de uma Unidade de Conservação reservada para a educação ambiental e para os estudos científicos, portanto fechada para o turismo. Além de pesquisas acadêmicas, na Estação são desenvolvidas atividades de educação ambiental junto às escolas municipais de Planaltina, e também com moradores/as da região.

A Estação é um espaço ímpar onde abunda a biodiversidade do Cerrado. Nela existe uma grande variedade de espécies da flora e da fauna cerratenses. Nela vivem animais como o Lobo-Guará, a Capivara e o Teiú-Vermelho. Hoje, a Estação Ecológica de Águas Emendadas, uma das últimas áreas contínuas de Cerrado preservadas na região, é considerada por cientistas e ambientalistas como um dos últimos refúgios para muitos animais ameaçados de extinção.

BIODIVERSIDADE AMEAÇADA

O Cerrado é o único bioma brasileiro que não recebe a denominação de patrimônio nacional, mesmo ocupando um terço do território do país e só perdendo para a Amazônia em termos de biodiversidade. Nos últimos 50 anos, após décadas de exploração agrícola e pecuária, o Cerrado já perdeu, segundo dados do Ministério do Meio Ambiente, mais de 40% da sua cobertura vegetal.

Em 1968, a região de Águas Emendadas tornou-se a primeira reserva biológica legal do País e a primeira unidade de

conservação baseada no então novo código florestal. Tão importante a região, que foi designada pela Organização das Nações Unidas para a Educação e a Cultura (Unesco) como Área Nuclear de Proteção ao Cerrado.

De fato, a importância da região de Águas Emendadas foi reconhecida desde 1892, quando foi demarcada pelo astrônomo belga Luis Cruls, responsável pela Comissão Exploradora do Planalto Central, uma das primeiras expedições para identificar o local onde seria construída, na segunda metade do Século XX, a nova capital do país.

Não obstante, o fato de não existirem corredores ecológicos ligando a Estação a outras áreas preservadas ameaça a vida na UC. Para Muna Youssef, técnica ambiental da Estação, "há uma tendência de empobrecimento genético das espécies, uma vez que não conseguem se reproduzir com parceiros de outras regiões, o que aumenta o cruzamento consanguíneo".

Ainda segundo Muna, a solução para esse problema precisa ser multifacetada. "O Distrito Federal vemos que tem três ilhas de Cerrado: a região do Jardim Botânico, a Reserva Nacional de Brasília e a Estação das Águas Emendadas. Entre elas não existe conexão, não há corredores de fauna. As reservas teriam que contar com uma dimensão maior [para a proteção e preservação da fauna]. E o DF precisaria ter mais ter mais reservas, que se interligassem, para garantir os corredores de fauna."

Uma coisa fica clara: O Cerrado é patrimônio, sim, e requer maior atenção e cuidado por parte não somente das instâncias de poder público, mas também de todos nós, para que suas riquezas naturais,

tão importantes para o Brasil, possam ser preservadas. Sem isso, não haverá santuário ambiental que resista aos danos irreversíveis da ação antrópica. Sem isso, pérolas como a Estação Ecológica de Águas Emendadas podem ser perdidas para sempre.





O LEGADO DE CRULS

fotos: brazilia.jor.br

Jaime Sautchuk

Neste 2014 que se esvai comemoramos os 120 anos de aprovação e divulgação do Relatório Cruls, que definiu os limites do atual Distrito Federal. Muito mais do que demarcar os limites do futuro DF, a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, chefiada por Luiz Cruls, fez um magnífico estudo sobre o meio ambiente da parte central do país, em especial de Goiás.

A decisão de se implantar a capital do país na sua região central foi da Assembleia Constituinte que elaborou a primeira Constituição da República. A Comissão que percorreu Goiás em 1892 e 93 foi designada pelo marechal Deodoro da Fonseca, mas seu relatório final já foi apresentado ao segundo presidente, Floriano Peixoto, que o sancionou, após aprovação do Congresso

Nacional, em 1894.

A Comissão era formada por Cruls, mais 21 cientistas, que percorreram exatos 5.132 km do território brasileiro, em lombo de mula, com numerosa trupe. Na parte principal de seus trabalhos, de demarcação, eles usaram como bases as cidades goianas de Pirenópolis e Formosa, de onde saíram os grupos que assinalaram os quatro vértices do retângulo que virou o DF.

Cruls e demais membros da expedição usavam a tecnologia disponível há mais de 120 anos e se baseavam no cosmos para sua orientação nas andanças e medições que fizeram. Foram produzidos estudos, mapas e afixados marcos com incrível precisão, a partir da observação do céu. Assim, foi demarcado o chamado Quadrilátero Cruls, que definiu o formato e os

limites onde, 60 anos depois, JK assentaria Brasília.

Mas, ao mesmo tempo, mantinham seus pés firmes no chão goiano, realizando meticuloso levantamento de flora, fauna, clima, topografia, recursos hídricos e das populações humanas que ocupavam esses sertões. Seu relatório e levantamentos posteriores são desde então valiosos instrumentos para estudiosos de todos os ramos das ciências.

Louis Ferdinand Cruls nasceu em Diest, na Bélgica, em 21 de janeiro de 1848. Seguindo a carreira de seu pai, cursou Engenharia Civil na Universidade de Gant, em seu país, entre 1863 e 1868. Enquanto isso, entrou para o exército belga e em pouco tempo galgou vários postos. Mas a promissora carreira durou

poucos anos, pois ele resolveu vir de mala e cuia pro Brasil.

Ainda nos bancos acadêmicos, ele conhecera vários estudantes brasileiros, que lhe falavam de um país acolhedor e muito promissor nos campos das ciências e da economia. Em setembro de 1874, foi a Pouillac, na França, onde pegaria o transatlântico Orinoque para uma viagem de mais de três semanas ao Brasil. Já nas primeiras horas da jornada, por puro acaso, conheceu Joaquim Nabuco, jovem diplomata brasileiro que regressava de viagem a países europeus.

A Nabuco ele informou que sua estada no Brasil seria de pouca duração, mas de pronto entraria em contradição, pois revelava que havia pedido demissão da carreira militar na Bélgica. Ou seja, estava solto no mundo. A afinidade entre eles foi imediata e se tornaram grandes amigos por longos e longos anos, em solo brasileiro.

No Rio de Janeiro, Cruls não encontrou seus amigos de escola, mas Nabuco fez as vezes do anfitrião e desde logo o

introduziu nos altos ambientes cariocas. Através de seu pai, que era senador, em pouco tempo ele proporcionou um primeiro encontro do novo amigo com o imperador D. Pedro II.

O monarca brasileiro, conhecido por seu desprendimento e gosto pelas ciências, logo percebeu os dotes do visitante belga. Nasceria ali, também, uma profícua amizade, e era traçado o roteiro de completa integração de Cruls à vida nacional. Seis anos depois, foi o próprio Pedro II quem assinou a ato de sua naturalização. Com o nome de Luiz Cruls, era um novo cidadão brasileiro.

Sem trocadilho, a trajetória do astrônomo belga no Brasil foi meteórica. Dois meses depois de chegar, ele foi nomeado membro da Comissão Carta Imperial, que faria uma espécie de plano-diretor geral do país. Em viagem oficial à França, para receber alguns equipamentos que o governo brasileiro havia adquirido, ele foi à Bélgica.

Lá, ele publicou, em revista da Universidade de Gant, um trabalho sobre cálculos de

medição de ângulos nos campos astronômico e geodésico. Segundo o astrônomo brasileiro Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, o estudo teve grande repercussão nos meios científicos globais e immortalizaram seu nome, que denomina uma das crateras da Lua e outra de Marte.

Em 1881, logo após ser naturalizado, o que era um pré-requisito para o posto, Luiz Cruls aceitou o cargo de diretor do Observatório Astronômico Nacional, talvez a mais importante instituição de estudos e pesquisas do Brasil daqueles tempos.

A esta altura, ele já podia se considerar brasileiro, carioca da cepa, com todos os mesmos sentimentos que assomavam seus novos conterrâneos. Em muitos de seus textos ele falava de "sentimento nacional", "brasilidade" e apoiava movimentos liberalizantes, em especial pelo fim da escravidão.

D. Pedro II virou seu discípulo no Observatório, no Morro do Castelo, onde dava vazão ao seu gosto por Astronomia. O imperador chegava sozinho às



instalações da instituição, onde a família Cruls morava, e batia levemente na porta – toc-toc-toc...

O dono da casa, como de costume, perguntava:

– Quem é?

Do lado de fora, o outro respondia:

– É o Pedro. – E só entrava após ser autorizado.

Ficava ali, o Pedro de Alcântara, como aluno comportado, arriscando algumas perguntas ou ficando quieto, quando sentia concentração no mestre. E partia quando as questões domésticas, como as refeições em família, por exemplo, se aproximavam. Mesmo assim, virou gente de casa, pois tinha o carinho de toda a prole de Cruls.

Essa proximidade, contudo, para o astrônomo não teve reflexo algum quando foi proclamada a República, em 1889. Muito pelo contrário, quando a Constituinte definiu a demarcação dos limites da nova capital, seu nome já era lembrado como o provável coordenador da missão.

As funções de Professor da Escola Militar por 19 anos, diretor do Observatório, cientista de larga produção e tantas outras atividades não tiravam de Luiz Cruls o ânimo para as tarefas de campo como as que realizou no Planalto Central. Depois, já no início do século 20, ele participou da comissão que fez as medições de fronteira com a Bolívia, em vista da compra, pelo Brasil, do que veio a ser o Acre.

Luiz Cruls faleceu em 1908, vítima de malária e vários outros males contraídos nas suas andanças por Goiás, pelo Acre e por outras partes do Brasil. Morreu na França, onde havia ido se tratar, mas fez questão de ser sepultado no Brasil, desejo cumprido pela família.





A PREFEITURA FAZ O MELHOR PRA GENTE!

A prefeitura municipal de Águas Lindas de Goiás está realizando uma das mais ousadas frentes de obras urbanas em um município goiano de uma só vez. O que corresponde a quase metade da cidade envolvida em uma frente de trabalho que vai mudar para sempre e para melhor a vida das pessoas, trazendo mais qualidade de vida para a sexta maior população do Estado.

Águas Lindas de Goiás vive uma grande transformação, um momento histórico ao completar apenas 19 anos.

São obras completas de asfalto e saneamento básico em vários setores da cidade.

Galerias de águas pluviais, interceptadores de esgoto, redes de esgoto, unidades de estação elevatória de esgoto, terraplanagem, mais de um milhão de metros quadrados de asfalto, meios-fios e calçadas.

Mais obras, mais qualidade de vida



PREFEITURA
DE ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS

ÉTICA E RESPONSABILIDADE SOCIAL

www.aguaslindasdegoias.go.gov.br

SÃO JORGE

PORTA DE ENTRADA DA CHAPADA DOS VEADEIROS



fotos: Ian David

Amanda Lima, Zezé Weiss

São Jorge é uma vila pacata, de menos de mil almas, encravada no sopé de um morro que se chama Morro das Tábuas, a menos de 40 km da mística cidade de Alto Paraíso de Goiás e a cerca de 1 km da entrada para o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, no coração de Goiás.

Cercada por um Vale Encantado e por águas termais que brotam do seio da terra, essa colorida e encantadora vila recebe turistas do Brasil e do mundo inteiro, o tempo todo, porém a alta temporada a torna mais buliçosa a cada mês de julho, que é quando acontece o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, com a presença

de grupos culturais de vários estados brasileiros.

Mas tem gente que chega mais cedo, no dia 23 de abril, época em que as casas, ruas e comércios se vestem de vermelho e branco para celebrar São Jorge, o santo padroeiro da Vila. Quem vem para o "Abril a Temporada", festival de resgate da fé, da cultura e da tradição das comunidades da região, costuma visitar também o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, as várias cachoeiras, e também as muitas comunidades místicas de Alto Paraíso de Goiás.

Para a maioria desses passeios, é exigido o acompanhamento de guia

credenciado/a junto ao Centro de Atendimento ao Turista (CAT). Antes ou depois de um passeio pela natureza, vale a pena uma caminhada pelo comércio artesanal da rua principal da Vila ou, quando a fome chegar, uma parada em um dos muitos quiosques, bares e restaurantes de comidas típicas de Goiás, do Brasil e de várias partes do mundo.

Detalhe importante: em São Jorge a comunidade faz a Coleta Seletiva. Portanto, para ajudar a manter a vila feliz, limpa e saudável, coloque o seu lixo em uma lixeira ou recicle os seus resíduos no Posto de Entrega Voluntária (PEV), que fica na pracinha da rua central da Vila.

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV) protege uma área de mais de 65 mil hectares de Cerrado de altitude, com diversas formações vegetais, centenas de nascentes e rochas com mais de um bilhão de anos.

Criado em 1961, o PNCV é gerido pelo Instituto Chico Mendes para a Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e tem como objetivos a pesquisa científica, a educação ambiental e a visitação pública. As caminhadas guiadas por trilhas ecológicas e os banhos de cachoeira são as atividades preferidas por quem visita o Parque.

Em 2001, o PNCV foi declarado Patrimônio Mundial Natural pela Organização das Nações Unidas para a Educação e a Cultura (Unesco).



COMO CHEGAR A SÃO JORGE E AO PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS VEADEIROS

Partindo de Brasília, são cerca de 260 km até o Distrito de São Jorge, no município de Alto Paraíso de Goiás. De Goiânia, a distância é de 460 km. Da rua principal de São Jorge até a entrada do Parque, o caminho é curto, só mais 1 km.

O acesso a Alto Paraíso é feito pela BR-020, em direção norte, passando pelas entradas de Sobradinho e Planaltina-DF, rumo a Formosa. Depois de passar por Planaltina e pela entrada da Unidade de Conservação Águas Emendadas, antes de

Formosa, chega-se a um trevo, onde você deve pegar a BR-010, sentido Alto Paraíso, que depois da divisa do Distrito Federal com Goiás passa a se chamar GO-118.

Logo na entrada de Alto Paraíso existe um trevo com um grande portal-obelisco. Nele, dobre à esquerda em direção a São Jorge e siga pela GO-239 por mais 22 km de rodovia pavimentada e 14 km de terra (em vias de asfaltamento). Em caso de dúvidas, contatar o Centro de Atendimento ao Turismo (CAT): 62 3446-1309.





fotos: Rui Faquini

VIDAS E POVOS DO CERRADO

Zezé Weiss

Dos biomas brasileiros, o Cerrado com seus 2.036.448 km² (mais de 20% do território nacional) abriga a savana mais rica do mundo em biodiversidade e uma das maiores diversidades de população humana do Brasil.

O Cerrado guarda mais de 30% da biodiversidade brasileira, incluindo cerca de 15 mil espécies de plantas, das quais 11 mil espécies nativas

catalogadas, 220 espécies de uso medicinal comprovado e 400 espécies utilizadas na recuperação de solos degradados.

No Cerrado vivem mais de 1,5 mil espécies de animais, dentre as quais 200 espécies de mamíferos conhecidas, 800 espécies de aves, 180 espécies de répteis, 150 espécies de anfíbios e 1,2 mil espécies de peixes. O Cerrado serve de

refúgio para 13% das borboletas, 35% das abelhas e 23% dos cupins dos trópicos.

Cerca de 137 espécies de animais do Cerrado encontram-se ameaçadas de extinção. A anta, a capivara, o cachorro-do-mato-vinagre, o gato-maracajá, a jaguatirica, o lobo-guará, a onça-pintada, a suçuarana e o tamanduá-bandeira são alguns dos animais do Cerrado em risco de extinção.

Convivendo com toda essa riqueza estão várias populações humanas, algumas delas presentes no Cerrado desde que o ser humano apareceu por essas terras, outras chegadas recentemente. Algumas produzindo por meio da agroecologia o suficiente para o sustento de suas famílias. Outras causando um estrago danado com o uso de agrotóxicos ou contribuindo com a formação desordenada das cidades.

Por aqui, algumas populações tratando de manter o Cerrado como herdaram de seus primeiros habitantes, os povos indígenas Avá-Canoeiro, Karajá, Krahô, Tapuia, Xacriabá Xavante, Xerente, cultivando com cuidado e tirando dele apenas o necessário, preservando a tradição e a memória de nossos ancestrais indígenas, muitos já extintos. Outros ainda por aqui, porém em sua maioria confinados em Terras Indígenas (TIs) onde caçam, pescam, produzem artesanato de qualidade, mas também enfrentam conflitos agrários e dificuldades imensas de inclusão social.

São povos que resistem junto às outras populações tradicionais do Cerrado, formadas por pessoas negras ou miscigenadas – quilombolas, geraizeiros/as, vazanteiros/as, sertanejos/as, ribeirinhos/as que, segundo o Instituto Socioambiental (ISA) “aprenderam, ao longo de séculos, a retirar do Cerrado recursos para alimentação, utensílios e artesanato”. São povos que, a cada dia, lutam para não perder mais terras, mais natureza, mais valores culturais, mais vida. Povos que dependem da consciência das gerações presentes e futuras para continuarem preservando a biodiversidade do Cerrado brasileiro.



fontes:

socioambiental.org | pequi.org.br | redecerrado.org.br | ispn.org.br



CULTURA ECOLÓGICA

AILTON KRENAK



**Aproveite suas férias.
Deixe sua casa sob nossos cuidados.**

TASS

61 3033 3333

DIABETES

MALHAR PREVINE

#vemprarunway



runway.com.br

 /runwaybrasil

 /runwayacademia

ÁGUAS CLARAS 3435.9000 ASA NORTE 3349.3236 LAGO NORTE 3964.3030 SUDOESTE 3342.5000